



EAESP

GV PESQUISA

**ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA BRASILEIRA DE RH NA
DÉCADA DE 1990 - UM MAPEAMENTO A
PARTIR DAS CITAÇÕES DOS ARTIGOS
PUBLICADOS NO ENANPAD**

Relatório 02/2005

MIGUEL PINTO CALDAS

Não é permitido o uso das publicações do GVPesquisa para fins comerciais, de forma direta ou indireta, ou, ainda, para quaisquer finalidades que possam violar os direitos autorais aplicáveis. Ao utilizar este material, você estará se comprometendo com estes termos, como também com a responsabilidade de citar adequadamente a publicação em qualquer trabalho desenvolvido.

ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA DE R.H. NA DÉCADA DE 1990 – UM MAPEAMENTO A PARTIR DAS CITAÇÕES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO ENANPAD

“Narciso acha feio o que não é espelho...” (Caetano Veloso)

“I often quote myself. It adds spice to my conversation.”
(George Bernard Shaw)

Resumo

Neste artigo, é usada análise bibliométrica para entender a influência de autores e instituições na produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil na década de 90, bem como para mapear o comportamento de auto-citações e citações à própria instituição dos autores que produziram no período. O estudo levantou, nos 290 artigos de RH publicados na década de 90 (1991 a 2000) nos anais do Enanpad, a constituição, origem e padrão de interrelação de todas as citações, autores e instituições que publicaram e foram citados na área. No total, analisaram-se os padrões bibliométricos de 5814 citações, que compreendiam 342 autores, advindos de 51 instituições. Os resultados mostram uma área com alto índice de auto-citação e endogenia, e com uma elevada incidência de citação de jornais, revistas e autores estrangeiros e não acadêmicos; revelam também que Maria Tereza Fleury (FEA/USP) foi a acadêmica mais citada; que a USP, UFMG, UFRGS e a FGV-EAESP (nessa ordem) são as instituições com os autores mais citados; que a RAE é o veículo nacional mais referenciado no campo; e que alguns autores e instituições que publicaram no período têm elevada propensão à auto-citação e à consulta predominante a autores de sua própria instituição. O artigo termina oferecendo ao campo sugestões para desenvolvimento e debate, a partir dos seus resultados e sua comparação com trabalhos anteriores analisando a mesma base amostral.

PALAVRAS-CHAVES

Recursos Humanos, produção científica, análise bibliométrica, citações.

BIBLIOMETRIC ANALYSIS OF THE BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION IN HUMAN RESOURCES THROUGH THE 1990s – A MAP BASED ON THE CITATIONS OF ALL ARTICLES PUBLISHED IN THE ENANPADs

“Narcissus finds ugly whatever is not a mirror...”

(Caetano Veloso)

“I often quote myself. It adds spice to my conversation.”

(George Bernard Shaw)

ABSTRACT

This study uses bibliometric analysis to understand the influence of authors and institutions in the Human Resources academic literature produced in Brazil throughout the 1990's (1991 through 2000). The study mapped out, within the 290 articles published in the ENANPAD proceedings, the constitution, origin, and relationship patterns of all citations, authors and institutions that were cited in the period's published articles. In total, the bibliometric patterns of 5814 citations were analyzed, comprising 342 authors, who came from 51 institutions. The results show (i) a field with a high degree of self-citation and endogenous behavior, and with a high citation incidence of newspapers, non-academic magazines, as well as of foreign and non-academic authors; (ii) that Maria Tereza Fleury (FEA/USP) was the most cited author in the period, and that USP, UFMG, UFRGS and FGV-EAESP (in such order) were the most cited academic institutions; (iii) that RAE was the most cited Brazilian scholarly journal in the field; and (iv) that some authors and institutions that published in the analyzed period have a high propensity for self-citation and to reference predominantly authors from their own institutions. The report concludes offering to the field a series of suggestions for further development and debate, based on its own results and on its comparison with previous studies that analyzed the same sample.

KEY-WORDS

Human Resources, academic production, bibliometric analysis, citations.

Introdução

Nos últimos anos, um número crescente de áreas e autores (por ex.: Organizações [MACHADO-DA-SILVA et al, 1990; BERTERO e KEINERT, 1994]; Marketing [VIEIRA, 1998, 1999, 2000, 2003; PERIN et al, 2000, BOTELHO e MACERA, 2001]; Produção [BIGNETTI e PAIVA, 1997], Operações [ARKADER, 2003]; Tecnologia de Informação [HOPPEN et al, 1998]; Finanças [LEAL et al, 2003]) têm-se dedicado à análise da produção acadêmica nacional. O objetivo tem sido verificar a qualidade do que é produzido em cada área de conhecimento da administração; no geral, tem-se mostrado que há problemas sérios e recorrentes em todas as áreas, como a falta de solidez metodológica (fato também observado por QUINTELLA [2003] em sua comparação entre o Enanpad e o Encontro da *Academy of Management*), base teórica importada, falta de relevância da pesquisa realizada e autoria com baixa diversidade de origem.

Na área de Recursos Humanos, esse tipo de análise também ganhou atenção recente. Caldas, Tonelli e Lacombe (2002) analisaram a produção na área no Enanpad entre 1990 e 2001, enquanto Tonelli et al. (2003), mais recentemente, incluíram além do Enanpad, a produção de RH veiculada nos principais periódicos nacionais. Os resultados desses dois trabalhos indicam que (i) o escopo temático da área é contestado pelo recente crescimento do campo de *comportamento organizacional*; (ii) sua base epistemológica é funcionalista; (iii) sua base metodológica é frágil, com predominância de estudos de caso ilustrativos de teoria já bem estabelecida; e (iv) a maior parte da produção da área (65% ou mais) vem de poucos programas de pós-graduação.

Embora importantes sinais de alerta, estes estudos deixam de fazer uma análise mais aprofundada dessa produção, seja em termos de conteúdo, seja em termos do trajeto de influência de autores, instituições e publicações que serviram de base à produção acadêmica de recursos humanos no período. Ou seja, estes estudos não analisaram as citações dos artigos publicados, buscando identificar em maior detalhe *quem e o que* esta produção usou para basear-se e criar conhecimento, bem como *de que maneira se fez esse uso*. Este tipo de análise (“citacional” ou “bibliométrica”) é normal e corrente em outros países, e é usada como elemento para entender como um determinado campo do conhecimento foi influenciado por determinados autores, instituições, países, linhas de pensamento, veículos etc. (ver revisão em GARFIELD, 1955,1998, ; LEYDESDORFF, 1998 ou KOSTOFF, 1998).

Tentativas iniciais de fazer análise citacional já ocorreram no Brasil. Na área de economia, as pesquisas de Azzoni (1998, 2000) visaram avaliar a produtividade dos autores da área, o ranking de revistas mais importantes e a performance das instituições acadêmicas da área. Já na área de administração, os estudos de Sylvia Constant Vergara (1995, 1996, 1998), por exemplo, analisaram a nacionalidade dos autores citados na área de Organizações entre 1989 e 1998 nos artigos publicados na RAE, RAP, RAUSP e no Enanpad, e concluíram que, apesar do crescimento do número de artigos publicados e citados, a base de citações da área tem se mostrado predominantemente estrangeira – estado unidense – o que é um problema quando se pensa em proximidade entre a pesquisa e a realidade nacional.

No entanto, na área de Administração, tanto os estudos concentrados em RH (CALDAS, TONELLI E LACOMBE, 2002; TONELLI et al., 2003) quanto os estudos de citação já realizados (VERGARA, 1995, 1996, 1998; BIGNETTI e PAIVA, 2002) não prosseguiram seus trabalhos na realização de uma análise mais aprofundada de quais são os autores, veículos e instituições mais citados em RH no Brasil, bem como de um levantamento dos padrões de referência dos seus principais autores (e de suas instituições de origem). Sem esse tipo de análise, por mais ricas que sejam, estes estudos e contribuições anteriores deixam de evidenciar algumas importantes limitações e potencialidades de melhoria da área e de sua produção científica. Por exemplo, para qualquer um leitor da produção acadêmica em RH nos últimos anos, deve parecer curioso como alguns autores parecem fazer questão de ignorar a produção recente de outros colegas que, em outros programas, têm desenvolvido trabalho semelhante ao seu. Ou não será difícil notar que a produção de muitos desses autores ignorados fora de seus programas é amplamente citada pelos seus próprios autores e pelos seus colegas em seus programas, formando “bolsões” simultaneamente auto-referidos e ignorantes do que se faz no mesmo assunto em outros programas. Sem essa análise, não conseguimos verificar se nossa área lê a si própria; se ela foge do processo entrópico que a endogenia (em termos de excessiva auto-citação ou referência excessiva à produção do próprio programa) pode provocar; e se ela está evoluindo no processo de criação de redes inter-institucionais que a área de administração tem tanto advogado recentemente no Brasil (FISCHER, 1993), evitando que a mesma pesquisa seja feita em universidades diferentes, como é classicamente prescrito para campos científicos (MARTYN, 1965; COLE e COLE, 1973).

O objetivo deste trabalho é justamente o de contribuir no preenchimento dessa lacuna na análise da produção científica em recursos humanos no Brasil dos últimos anos. Para tanto, usamos análise bibliométrica para entender a influência de autores e instituições na produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil, bem como o comportamento de auto-citações e citações à própria instituição dos autores e programas que produziram na década de 90. Em termos específicos, esse tipo de análise objetivou (a) examinar o nível de auto-citação e endogenia na construção do conhecimento na área, (b) identificar quem foram os autores, veículos e instituições mais citados, (c) levantar os padrões de referência dos principais autores (e de suas instituições de origem) da área no período; e (d) oferecer ao campo sugestões práticas para desenvolvimento e debate, a partir dos resultados da pesquisa e de sua comparação com trabalhos anteriores analisando a mesma base amostral.

Do ponto de vista empírico, o estudo levantou e analisou os padrões bibliométricos básicos (constituição, origem e padrão de interrelação) de todas as citações, autores e instituições que publicaram nos anais do Enanpad e foram citados nos 290 artigos publicados na década de 90 (1991 a 2000) na área de Recursos Humanos.

No restante do artigo, discute-se a fundamentação teórica, a metodologia e os resultados do estudo, bem como a discussão dos achados e implicações do trabalho para a área.

Análise Bibliométrica: O uso das citações para análise das publicações científicas

A bibliometria é um conjunto de métodos de pesquisa em constante evolução, desenvolvido pela Biblioteconomia e pelas Ciências da Informação, que utiliza análises quantitativa, estatística e de visualização de dados, fundamentalmente usado para mapear a estrutura do conhecimento de um campo científico, e também como uma ferramenta primária para a análise do comportamento dos pesquisadores em suas decisões na construção desse conhecimento (VANTI, 2002). Segundo autores da área (ex.: WORMELL, 1998; VANTI, 2002), são cinco os principais tipos de metodologias utilizadas pela bibliometria: (i) Análise de citações; (ii) Análise de co-citação; (iii) Agrupamento bibliográfico; (iv) *Co-word analysis*; e (v) “Webometria”. O presente trabalho enfoca e utiliza a primeira dessas metodologias (análise de citações) e, por esse motivo, aqui iremos nos deter especificamente nesse tipo de estudo, suas origens, potencialidades, aplicações e limitações.

Origens do Uso de Citações Para Análise de Publicações Científicas

O estudo de citações, apesar de pouco difundido ainda no campo da Administração no Brasil, não é tão recente quanto possa parecer na história da ciência. O primeiro índice de citações surgiu em 1873, nos EUA: o *Shepard's Citations* (WEINSTOCK, 1971). Os primeiros índices foram construídos com base em palavras-chave, termos ou frases que apareciam nos *abstracts* e títulos dos *papers* e estavam sujeitos à subjetividade tanto por parte de quem inseria as informações no banco de dados quanto de quem procurava por um determinado assunto ou tema. A partir dessa carência, na metade da década de 1950, Eugene Garfield sugeriu a criação de um sistema de citações que “avaliasse a relevância de um trabalho e seu impacto na literatura e no pensamento do período”(GARFIELD, 1955, p. 108). Em 1961, Garfield criou então o primeiro índice de citações em genética (*Genetics Citation Index*) e estabeleceu o *Science Citation Index* (GARFIELD, 1979). Em 1973, Garfield criou o primeiro índice de citações em Ciências Sociais e, em 1978, um índice semelhante para Artes e Humanidades.

O Que Podem Indicar as Citações na Pesquisa Científica ?

A principal função das citações é fornecer ao leitor referências importantes sobre o campo de estudo em questão e a contribuição de autores predecessores para o trabalho atual.. As citações simbolizam a origem ou fundamento dos conceitos e idéias que o autor discute em seu texto. Essas associações conceituais foram descritas por MERTON (1983) como um reconhecimento formal de “débito intelectual” com os autores que trataram do tema anteriormente. De acordo com VERGARA E CARVALHO JR (1995), as referências bibliográficas utilizadas por um autor são, além de suporte de argumentação, representação de suas “preocupações, preferências, suposições e metodologias” (p. 170), e evidenciam o quanto aquele autor atribui de importância à determinada produção científica de um determinado país, instituição etc. KOSTOFF (1998) afirma que quanto menor um trabalho científico, maior a chance de ser lido em sua totalidade, uma vez que muitos dos cientistas não podem se dar o luxo de passar grande quantidade de tempo procurando extrair algo de útil um único trabalho. Nesse contexto, as citações funcionam como uma *referência condensada* a uma base de informações muito maior, e aqueles que tiverem interesse em acessá-la podem fazê-lo voltando aos originais em que o autor se baseou. Um outro papel exercido pela análise das citações é o de *ligação entre as diversas influências intelectuais* que impactam um pesquisador ou uma área específica do conhecimento: analisando o percurso dessas ligações, é possível verificar qual é a linha de pensamento seguida, ou qual é o paradigma utilizado pelos

autores na construção de seu raciocínio apenas pela observação dos trabalhos, autores e veículos mais citados na pesquisa. Além desses fatores, é importante considerar também o *impacto* e os benefícios gerados por determinada pesquisa científica: a análise das citações permite, nesse caso, que se verifique o fluxo documentado e a evolução de uma determinada pesquisa ao longo do tempo e pode servir, portanto, como fonte para se avaliar ou medir o impacto – direto e indireto – de uma pesquisa em particular, de um grupo ou instituição de pesquisadores, ou ainda de veículos de divulgação científica (FUJIGAKI, 1998).

Utilizando Análise Bibliométrica na Análise de Produção Científica

No mundo são diversos os exemplos de estudos de citações nas mais diversas áreas, como por exemplo na Física, na Química, na Botânica, na Economia e menos freqüentemente na área de Administração (STREHL e SANTOS, 2002; BIGNETTI e PAIVA, 2002).

A utilização dos Índices de Citações tornou-se uma prática comum, principalmente nos EUA, servindo como fonte para remuneração dos pesquisadores de diversas áreas. Periódicos totalmente voltados para a publicação do impacto de outros periódicos ou de pesquisas ganham cada vez mais popularidade, como é o caso do *Journal of the American Society for Information Science*.

Naturalmente, embora potencialmente útil e rica, a análise de citações na pesquisa científica não é desprovida de crítica. Muitos autores (MACROBERTS, 1996; KOSTOFF, 1998; CARTER, 1974; MEADOWS, 1974; CHANDY e WILLIAMS, 1994) têm apontado suas limitações e os perigos de basear-se excessivamente em tais análises – incluindo o excesso de valor que dá a “quantidades”, em relação a uma saudável valorização de aspectos qualitativos – para mapear campos de conhecimento. Neste trabalho, não desconhecemos nem desconsideramos estas limitações, mas fazemos uso da metodologia como uma ferramenta a mais – em meio a outras que são usadas em outros estudos (e que os próprios autores também já utilizaram) – no esforço de compreender o mosaico da produção acadêmica em Estudos Organizacionais no Brasil.

Estudo Empírico

Metodologia do Estudo

No presente artigo utilizamos a análise das citações para observar as inter-relações de conhecimento na área de Recursos Humanos com base nos artigos publicados nos Enanpads entre 1991 e 2000. O período foi escolhido por se tratar dos últimos dez anos de publicação da área de RH antes da separação da área de comportamento no Enanpad que, como evidenciaram Tonelli et al. (2003) representava 50% dos temas tratados na área e, portanto, sem dúvida uma contribuição bastante grande à base de autores referenciados. O primeiro passo da tarefa de análise das inter-relações foi a tabulação de todos os artigos publicados na área entre 1991 e 2000, a partir da mesma base de dados utilizada em estudo anterior por Caldas et al. (2002)¹. Foram tabulados: autores, instituições declaradas de autoria e citações feitas – nomes dos autores citados, tipo de obra (livro, artigo ou outros) e se a origem dos autores da citação era nacional ou estrangeira.

Em seguida, os autores dos artigos foram categorizados em “autores com produção acadêmica anterior ao ano de publicação” e “sem produção acadêmica anterior”. Este passo, imensamente trabalhoso, se fez essencial para analisar com mais justiça e de forma mais relativizada a questão de auto-citações. Sem uma análise deste tipo, que leva em conta o *curriculum* dos autores, uma contagem simples de auto-citações iria camuflar muitas distorções. Por exemplo, autores de “primeira viagem” (nos Enanpads, como se sabe, é onde mestrandos e doutorandos tipicamente conseguem suas primeiras publicações acadêmicas passíveis de citação) contariam zero em auto-citação, pelo simples fato de que não teriam produção anterior que pudessem citar. Então, para fazer essa categorização adicional, foi analisado o currículo Lattes de *cada* autor na amostra e, na ausência deste, foi feita uma busca em bibliotecas, livrarias e na internet para verificar se havia produção anterior divulgada. Assim, dos 290 artigos, 158 eram de autores com *alguma* produção anterior.

A contagem de auto-citações é necessária uma vez que a metodologia para contagem de citações, aceita e praticada internacionalmente (GARFIELD, 1979) indica que as citações a determinado autor a serem consideradas para efeitos de classificação ou ordenamento (“ranqueamento”) são apenas aquelas não feitas por ele próprio, uma vez que é o próprio autor que controla essa variável. Foram então contados os autores citados usando dois critérios alternativos. No primeiro critério foi feita uma ponderação da base de autores citados, assim para uma obra com dois autores cada um recebeu o equivalente a ½ citação (CHANDY & WILLIAMS, 1994). No segundo critério foi feita uma contagem simples, ou seja, independente do número de autores da obra citada. Assim, para a mesma obra com dois

autores, foi atribuída uma citação ao primeiro e outra ao segundo (seguindo o padrão do *Citation Index* – ver GARFIELD, 1979). No momento seguinte foram atribuídas as instituições de origem dos autores citados, da mesma forma como foi feita a categorização da produção anterior. Para análise da instituição de origem da citação também foram adotados dois procedimentos, de acordo com os dois critérios alternativos testados neste estudo: no primeiro a instituição é ponderada da mesma forma que os autores, na segunda é atribuída uma instituição principal à obra citada pela preponderância de autores de determinada instituição. Ou seja, se uma obra citada apresenta dois autores da UX e um da UY, a instituição preponderante é a UX. Das 5814 obras citadas, apenas para 60 não foi possível definir a instituição preponderante dessa maneira, pois eram casos de dois autores de instituições diferentes: nessas situações, foi adotada a instituição do primeiro autor como preponderante. Da mesma forma que para auto-citações, foi verificada e tabulada a ocorrência de citação à própria instituição, ou seja, se a obra citada tinha algum autor com a mesma instituição de origem do autor do artigo. Esse índice é fundamental para compreender as relações entre os autores da mesma instituição, como veremos a seguir. As conclusões parciais de cada uma dessas análises foram complementadas com a análise qualitativa dos artigos usando a base disponível do trabalho de Caldas et al. (2002)¹, para gerar as sugestões ao campo. Os resultados a seguir derivam do cruzamento de todos esses dados e análises, seguindo os procedimentos acima, conforme veremos na sub-seção seguinte.

Resultados do Estudo

A base de dados enfocada neste artigo é densamente povoada. Como já mencionado, a base contém *todas* as citações feitas em RH nos Enanpads do período. A escolha do período e do veículo Anais do Enanpad foi feita para manter consistência e comparabilidade com estudos anteriores (CALDAS et al, 2002; VIEIRA, 1998, 1999, 2000; PERIN et al., 2000; BOTELHO E MACERA, 2001; HOPPEN et al., 1998; BIGNETTI e PAIVA, 1997; KEINERT, 2000).

A amostra produzida nesse banco de dados revela, de *per se*, um quadro digno de menção: esses 290 trabalhos continham, no total, 5814 citações, que compreendiam 342 autores, advindos de 51 instituições. Em relação a esse grupo total de citações, salta aos olhos o fato

¹ Os autores gostariam de reconhecer e agradecer a colaboração de Maria José Tonelli e Beatriz Lacombe, que aceitaram em compartilhar com os autores desta pesquisa a base de dados que usaram em seu artigo (Caldas, Tonelli e Lacombe, 2002) e alguns de seus elementos qualitativos que permitiram a comparabilidade dos resultados dos dois trabalhos e o enriquecimento das sugestões aqui apresentadas.

de que quase 63% do total de citações no período são feitas a autores estrangeiros. Este alto índice de referência a obras e autores não brasileiros é consistente com estudos anteriores (ex.: VERGARA, 1995, 1996, 2000; BIGNETTI e PAIVA, 2002), e reforça a preocupação corrente com um campo de estudos (em administração como um todo) talvez excessivamente *importado*. Um outro exemplo da riqueza dos dados descritivos é que eles revelam que cerca de 12% do total de citações têm como fonte revistas, jornais e fontes semelhantes, em geral sem autor específico, e via de regra, não acadêmicas. Parece de fato impressionante que uma proporção tão significativa de nossas referências tenha base proverbial. Completando o domínio do conhecimento efêmero, os dados levantados mostram que quase 7% do total de citações são feitas a autores não acadêmicos (executivos e empresários, gurus, autores profissionais de livros-texto etc.). Este dado também preocupa, e já foi apontado por outros autores (Por ex.: WOOD JR e PAULA, 2002), que enfocaram a angustiante propensão da academia e da *praxis* brasileira em administração em apoiar-se no gerencialismo de pouca ou nenhuma base científica. Ao menos é possível reconhecer que esse tipo de fonte é consistente com o uso de *Exames*, *HSMs* e *Você S.A.s*, que parecem embasar muitos de nossos autores.

Somados esses grupos acima, que muito dificilmente seriam aceitos como referência em trabalho científico em qualquer campo ou lugar nos dias de hoje, somente 29% do total de citações feitas no período são de fontes, autores e periódicos *acadêmicos e nacionais*.

A análise em maior profundidade da demografia de origem dessas citações revela muito da diversidade de referência – ou de sua falta – na área. Das citações acadêmicas nacionais, quase 47% derivam de autores de 3 instituições, e 56% de apenas 5 programas de pós-graduação, mostrando a falta de diversidade na fonte de conhecimento do campo já denunciada por outros autores (VIEIRA, 1998, 2003; VERGARA, 1995, 1996, 2000; TONELLI et al, 2003).

Tipos de Citação e Veículos Mais Citados

A grande maioria dos trabalhos citados é de livros (43% das citações), seguidos de artigos em periódicos (24%), artigos em livros (9%) e artigos em congressos (5%), como mostra a Figura 1. Focalizando apenas os artigos em periódicos e congressos (ver Figura 2), pode-se ver que as citações estão pulverizadas em muitos veículos distintos (mais representativos com não mais do que 3% das citações, no caso da RAE e dos periódicos nacionais, e de não mais do que 1,5% no caso dos periódicos estrangeiros).

FIGURA 1. TIPOS DE CITAÇÃO NA

<i>Tipos de citação na amostra</i>	<i>% de obras citadas</i>
Livro	43%
Periódico	24%
Artigo-Livro	9%
Outros	7%
Congresso	5%
Revista	3%
Dissertação	2%
Tese	2%
Jornal	2%

FIGURA 2. PRINCIPAIS PERIÓDICOS CITADOS

<i>Principais Periódicos Internac. Citados</i>		
	<i>N</i>	<i>% Total Cit.</i>
Journal of Applied Psychology	87	1,50%
HBR	63	1,08%
ASQ	49	0,84%
AMR	46	0,79%
Human Relations	38	0,65%
<i>Principais Periódicos Nacionais Citados</i>		
	<i>N</i>	<i>% Total Cit.</i>
RAE	172	2,96%
Anpad	134	2,30%
RAUSP	100	1,72%
RAP	34	0,58%
Reunião Anual de Psicologia	23	0,40%
Tendências do Trabalho	12	0,21%
RAC	8	0,14%

FIGURA 3. CITAÇÕES AOS PRINCIPAIS VEÍCULOS DE ADM NACIONAIS NA AMOSTRA POR INSTITUIÇÃO CITANTE.

	<i>Nº de cit. aos principais veículos nacionais</i>					<i>% total cit.</i>	<i>% cit. Nac.</i>
	<i>Anpad</i>	<i>RAC</i>	<i>RAE</i>	<i>RAP</i>	<i>RAUSP</i>		
UFMG	48	2	38	11	19	7%	18%
UFRGS	20	1	22	2	19	9%	18%
UFSC	3	0	8	0	10	10%	21%
UFRN	7	0	16	1	2	13%	27%
USP	3	0	9	0	11	4%	12%
EAESP	2	0	14	0	2	7%	35%
UFPB	5	1	7	0	3	8%	19%
PUC-RJ	1	0	9	4	2	13%	31%
UFPE	1	0	6	0	4	4%	13%
UFBA	6	1	4	1	1	4%	13%
Total	96	5	133	19	73	7%	18%

Um dos desafios dessa dispersão é que, na medida em que o acesso a base tão pulverizada é difícil e precário ainda hoje dia, muitos autores acabam não tendo acesso à obra original para analisar contexto e/ou detalhes do trabalho. Essa falta de acesso pode acabar elevando o número de “apuds” (leitura através de revisões de outrem, e não no original), enfraquecendo ainda mais a base de referências da área, e deixando dúvidas sobre a validação de determinados conceitos e teorias construídas com base nesse tipo de fonte.

Isolando a citação a obras em veículos nacionais (ver Figura 2), fica evidente o forte impacto da RAE e do próprio Enanpad, seguidos da RAUSP. Mas ao analisar a Figura 3), pode-se verificar que alguns desses veículos são mais prestigiados por algumas instituições, enquanto outros chegam a ser ignorados por muitos autores ou programas. A UFMG, por exemplo, tem alta incidência relativa de citação a periódicos e congressos nacionais, porém ao contrário da amostra geral, privilegia as publicações do ENANPAD do que as da RAE ou de qualquer periódico. A UFRGS segue o padrão geral em relação a artigos do ENANPAD e da RAE, mas privilegia mais fortemente citações da RAUSP do que a média das instituições. A RAUSP mostrou-se pouco citada pela UFBA, enquanto que a FEA-USP, a FGV-EAESP, a PUC-RJ e a UFPE citaram menos o ENANPAD do que a média dos programas.

Autores e Instituições Mais Citados

A Figura 4 mostra um mapa dos autores mais citados pela área no período. Como discutido anteriormente, as classificações (*rankings*) foram feitas seguindo os dois critérios: *com* e *sem* ponderação de múltipla autoria, gerando duas séries de classificação. A Figura 4 mostra também, dentro de cada série (com e sem ponderação), as classificações antes e depois de ajustar para auto-citação (ou seja, antes e depois de expurgar da contagem de citações as auto-citações, como é internacionalmente aceito e recomendado [CHANDY e WILLIAMS, 1994] em estudos deste tipo); as classificações depois de ajuste para citações feitas por autores da própria instituição; e as classificações com e sem citações estrangeiras.

FIGURA 4. AUTORES MAIS CITADOS.

<i>Autor citado</i>	<i>BASE PONDERADA</i>					<i>BASE SEM PONDERAÇÃO</i>				
	<i>Total cit.</i>	<i>Ranking das Citações</i>				<i>Total cit.</i>	<i>Ranking das Citações</i>			
		<i>s/ auto-cit</i>	<i>s/ cit. Inst.</i>	<i>todas cit.</i>	<i>cit. Nac.</i>		<i>s/ auto-cit</i>	<i>s/ cit. Inst.</i>	<i>todas cit.</i>	<i>cit. Nac.</i>
FLEURY, M.	55,67	1°	1°	1°	1°	70	1°	1°	1°	1°
CHIAVENATO, I.	30,00	2°	2°	6°	4°	30	4°	3°	11°	7°
FISCHER, R. M.	30,00	2°	10°	5°	3°	43	2°	7°	4°	3°
BERGAMINI, C.	26,50	3°	5°	9°	5°	28	6°	6°	12°	8°
BASTOS, A.	24,17	4°	6°	12°	8°	28	6°	5°	11°	7°
FERNANDES, E.	22,50	5°	3°	10°	7°	29	5°	4°	9°	5°
MOTTA, P.	22,50	5°	4°	15°	11°	22	8°	7°	16°	10°
ALBUQUERQUE, L.	21,50	6°	7°	13°	9°	22	8°	8°	14°	9°
MORAES, L.	20,91	7°	26°	14°	10°	26	7°	13°	6°	4°
FLEURY, A.	20,75	8°	14°	16°	12°	29	5°	9°	9°	6°
BORGES-ANDRADE, J.	20,22	9°	9°	8°	6°	35	3°	2°	2°	2°
LEITE, M.	18,50	10°	8°	23°	13°	20	10°	8°	18°	12°
MELO, M.	17,50	11°	32°	4°	2°	16	12°	19°	10°	6°
MOTTA, F.	16,08	12°	12°	27°	15°	21	9°	10°	17°	11°
SALERNO, M.	15,25	13°	17°	31°	18°	17	11°	13°	21°	13°
LODI, J.B.	15,00	14°	11°	33°	19°	15	13°	11°	23°	15°
CAMPOS, V.	15,00	14°	15°	32°	19°	15	13°	13°	23°	15°
DA MATTA, R.	13,00	15°	13°	36°	19°	13	15°	12°	25°	16°
KILIMNIK, Z.	12,10	16°	45°	29°	16°	16	12°	18°	14°	9°
RODRIGUES, M. B.	12,08	17°	19°	39°	21°	15	13°	14°	23°	15°
SIQUEIRA, M.	11,92	19°	37°	26°	14°	9	19°	20°	18°	12°
COUTO, H.	11,33	21°	59°	30°	17°	9	19°	23°	22°	14°
ROESCH, S.	11,00	22°	44°	37°	20°	13	15°	22°	22°	14°

Apesar de rica, a Figura 4 pode ser de difícil interpretação: essencialmente, o que se mostra são os mais variados tipos de escalonamento (“ranking”) dos autores mais citados na amostra. Na primeira metade (esquerda) da tabela é usado o critério de fazer ponderações e reduções por múltipla autoria (ver procedimento na seção de metodologia), e apresenta-se variações no escalonamento quando se toma a base com e sem auto-citações, e também com e sem citações

estrangeiras. Na segunda metade (direita) da tabela, as mesmas variações são feitas, mas para o escalonamento obtido sem ponderações (ou seja, contando-se uma citação inteira para cada referência ao autor, independente de ser ou não um trabalho em parceria).

Na Figura 5, esse mapa é aprofundado mostrando-se os 50 autores mais citados, bem como a distribuição das instituições que mais os citaram. Mostra-se também, na base da mesma tabela, a influência da própria instituição na distribuição das citações a ela feita.

FIGURA 5. OS 50 AUTORES MAIS CITADOS E AS INSTITUIÇÕES QUE MAIS OS CITAM / PARTICIPAÇÃO DA INSTITUIÇÃO NO TOTAL DE CITAÇÕES

	INSTITUIÇÃO DO AUTOR										Total
	UFMG	FEA-USP	UFRGS	EAESP	UFSC	UFPE	PUC-RJ	UFBA	UFPB	UFRN	
OUTROS	90	41	40	6	11	13	5	14	4	4	224
FLEURY, M.	17	31	6	1	2		2	1	4	3	67
COOPER, C.	39	1				1		2	2		45
FISCHER, R. M.	7	23	3		1		2	1		2	39
DEJOURS, C.	15		13		2		1			5	36
MORAES, L.	27				4			1	1	3	36
HACKMAN, J.	28	2	1		1			1		1	34
LAWLER III, E.	13	8	3	1	1	3			1		30
MELO, M.	26							1			27
SCHEIN, E.	5	17	1		1		2		1		27
ALBUQUERQUE, L.	10	6	3	2	1	2			2		26
KILIMNIK, Z.	19				3				1	2	25
FERNANDES, E.	8		2		4	6				4	24
CHIAVENATO, I.	10	1	4	1	1	3	1			2	23
STEERS, R.	8	2	1			1		6	3	2	23
THEVENET, M.	5	6							12		23
BASTOS, A.	10	1	2			1		5		3	22
BERGAMINI, C.	6	2	1	4	2	1	1	1		3	21
OLDHAM, G.	17	1	1					1		1	21
PORTER, L.	6	1	1			1		6	3	3	21
BORGES-ANDRADE,	10							8		2	20
DAVIS, K	9		3		4					3	19
LEITE, M.	4	1	9		2			1		1	18
MOWDAY, R.	6	1						6	3	2	18
PAGES, M.	8	2	3	2	1		1	1			18
MEYER, J.	5	2						3		7	17
WERTHER, W	10		2		3	1				1	17
FLEURY, A.	3	7	3		2				1		16
HUMPHREY, J.	9	4	3								16
MOTTA, P.	7		7				1	1			16
ROESCH, S.			14		2						16
SALERNO, M.	3	6	3		2		1	1			16
WALTON, R.	8		5		2					1	16
COUTO, H.	14					1					15
DRUCKER, P	1	3	4	3			3		1		15
MOTTA, F.	4	2	3	3					2	1	15
SENGE, P.		6	4	1	2		1	1			15
ARGYRIS, C.	3	2	6		1				2		14
CORIAT, B.	5	1	7							1	14
SIQUEIRA, M.	13							1			14
WOOD JR, T.	4		2	6					1	1	14
ALLEN, N. J.	3	1						3		6	13
CHANLAT, J.	5	1	2		1		2	1	1		13
DUTRA, J.		9		3			1				13
MORGAN, G.	2	3	4	1	1		1	1			13
ALBRECHT, K.	10		1		1				1		12
BRAVERMAN, H.	9	2	1								12
FLEURY, A.	2	8	1		1						12
LODI, J.B.	2		2	1				3	3	1	12
NADLER, D	7		1		1		3				12
ZARIFIAN, P	2	10									12
Total	534	214	172	37	57	34	28	71	45	65	1257
% dos 50+	42%	17%	14%	3%	5%	3%	2%	6%	4%	5%	100%
% do total de referências	10%	4%	3%	1%	23%						

	UFMG	FEA-USP	UFRGS	FGV-EAESP	UFSC	UFPE	PUC-RJ	UFBA	UFPB	UFRN
Total de Autores Citados	1915	724	801	324	234	358	142	411	263	284
Participação da Instituição	35,1%	13,3%	14,7%	5,9%	4,3%	6,6%	2,6%	7,5%	4,8%	5,2%

A nota positiva que toda esta análise traz é que, usando qualquer critério ou independente de qualquer ajuste, a Profa. Maria Tereza Fleury (da FEA-USP) é a autora mais citada na área no período analisado, revelando significativo impacto e durabilidade de seu trabalho e pesquisa ao longo do tempo. Ainda na dimensão positiva, muitos dos autores mais citados mantêm

suas classificações (ou mostram variação muito pequena) após serem expurgadas auto-citações ou feitas ponderações e reduções por múltipla autoria. De fato, a diferença entre um e outro escalonamento (com e sem auto-citação) varia conforme o padrão de citação do autor: enquanto que 40% das posições se mantêm iguais ou melhoram quando se descontam as auto-citações, em 60% dos casos a posição relativa caiu quando foram retiradas as auto-referências. Nesse segundo sentido, alguns autores, como Jairo Borges-Andrade, da UnB, e Affonso Fleury, da USP, sofrem grande – e em grande medida *injusta* – variação na classificação em função de que trabalham comumente com múltipla autoria. Analisando-se a produção desses autores, e de outros com semelhante perfil, é possível perceber que o critério de ponderação, embora lógico e razoável, além de recomendado em vários estudos semelhantes (CHANDY e WILLIAMS, 1994), pode contra-incentivar práticas saudáveis de cooperação e de linhas de pesquisa inter-institucionais, dos quais nosso campo tanto parece precisar. Por outro lado, autores que defendem a aplicação do critério de ponderação contra-argumentam que, para cada bem intencionado e positivo autor efetivamente colaborativo, há outros tantos que, por terem tão somente revisto ou opinado sobre trabalho alheio (muitas vezes, de alunos), demandam co-autoria e, daí, inflacionam sua base de publicações (e futuramente de citações). Como é difícil separar joio do trigo, e ambas as práticas não são incomuns na área, parece ser fundamental que o campo debata e defina princípios tanto éticos e de comportamento para autoria e citação, como de classificação para estudos desta natureza. É digno de observação que, tal como previam alguns críticos ao método, a maioria dos autores melhor classificados na amostra tem de fato história mais longa no campo do que os demais. Isto reforça a necessidade do campo discutir sobre o critério desse tipo de classificação incluir ou não um ajuste ou ponderação em relação à idade da produção acadêmica do autor, visando a mensuração mais precisa do impacto efetivo da sua produção científica média.

FIGURA 6. INSTITUIÇÕES NACIONAIS MAIS CITADAS

INSTITUIÇÃO CITADA	BASE PONDERADA				BASE SEM PONDERAÇÃO			
	TOTAL CIT.	RANKING DAS CITAÇÕES			TOTAL CIT.	RANKING DAS CITAÇÕES		
		S/ AUTO- CIT.	S/ CIT. INST.	CIT. NAC.		S/ AUTO- CIT.	S/ CIT. INST.	CIT. NAC.
USP	351,33	1º	1º	1º	460	1º	1º	1º
UFMG	261,52	2º	4º	2º	385	2º	4º	2º
UFRGS	184,58	3º	3º	3º	266	3º	3º	3º
FGV-EAESP	153,17	4º	2º	4º	202	4º	2º	4º
UNB	86,98	5º	6º	5º	185	6º	5º	5º
UNICAMP	80,67	6º	5º	6º	91	5º	6º	7º
UFBA	72,58	7º	7º	7º	106	7º	7º	6º
PUC-RJ	46,33	8º	8º	9º	56	8º	8º	9º
FGV-EBAPE	45,67	9º	9º	8º	57	9º	9º	8º
UFSC	40,00	10º	13º	10º	50	10º	11º	10º
UFPB	35,83	11º	11º	11º	45	11º	16º	11º
UFRN	30,83	12º	18º	12º	39	13º	21º	12º
UFRJ	30,50	13º	10º	13º	36	12º	10º	13º
UFPE	29,00	14º	13º	14º	36	13º	13º	13º
UNIFOR	20,25	15º	14º	15º	26	14º	14º	14º
PUC-SP	19,00	16º	12º	16º	22	14º	12º	15º
UFES	13,50	17º	17º	17º	16	15º	15º	17º
UNESP	13,33	18º	15º	18º	20	16º	13º	16º
UFF	12,50	19º	16º	19º	13	17º	17º	18º
UFPR	11,00	20º	19º	20º	12	18º	18º	19º

A nota negativa trazida por esta análise da classificação dos autores mais citados tem ao menos dois registros. Primeiro, a inclusão questionável, em alta posição na classificação, de autores como Chiavenato e Lodi, autores profissionais de livros-texto, e não pesquisadores engajados em investigação científica. Isto indica – e daí o aspecto a lamentar – que muitos de nossos autores usam base de segunda mão, via *apuds* a livros-texto. É mais um registro da já comentada base frágil da nossa área, e que sem dúvida devemos procurar superar na produção científica do campo. O segundo registro negativo é a significativa alteração (para baixo) de classificação de alguns autores quando se faz o ajuste para auto-citação. Em outras palavras, como mais adiante revelaremos no dado agregado, a preocupação com a existência de abusiva auto-citação em nosso campo não parece descabida, ao contrário do que previa Garfield (1979) para o contexto norte-americano, pois nossos periódicos e congressos não parecem ter ativados os mecanismos para coibir e proteger-se desse tipo de excesso.

Com exceção dessa classificação de autores mais citados, e por respeito à privacidade dos profissionais envolvidos, os demais dados que apresentaremos serão agregados por instituição, não enfocando resultados individuais. Afinal, há limites de ousadia e de

legitimidade para apontar e discutir atos ou omissões de tanta gente. Quando analisamos a classificação das instituições mais citadas no período (ver Figura 6), nota-se uma preocupante ausência de diversidade que acompanha o que estudos anteriores (VIEIRA, 1998, 2003; VERGARA, 1995, 1996, 2000; TONELLI et al, 2003) apontam para o caso de autoria: cerca de 47% das citações nacionais *acadêmicas* da área no período é feita a autores que provêm de três instituições: USP, UFMG, UFRGS; cerca de 55% provêm de apenas 5 programas. Uma importante constatação da pesquisa é que nem todas as instituições que mais produziram no período de acordo com pesquisas anteriores (Caldas et al., 2002) foram as que mais foram citadas: obras de pesquisadores da Unicamp e da UnB, por exemplo, tiveram forte impacto na produção da área no período, mesmo quando elas não foram tão representativas na escala de autoria. A alta importância da Unicamp, que não possui curso de administração, parece dever-se à significativa expressão de pesquisadores daquela instituição em temas como economia e sociologia do trabalho, saúde do trabalho etc. Parece ser importante que a área reveja e aprofunde os laços inter-instituição com universidades que, como esta, podem fortemente interagir com nossos autores.

Olhando Para Fora ou Para o Próprio Quintal

A Figura 7 mostra um interessante perfil do padrão de citação na amostra, relativo à excessiva participação de (i) autoria estrangeira e (ii) de citação de obras da própria instituição.

No que tange à participação da referência estrangeira, os dados revelam que nada menos de

FIGURA 7. PROCEDÊNCIA DAS CITAÇÕES - % DO TOTAL DE CITAÇÕES FEITAS NO ARTIGO – CLASSIFICAÇÃO POR INSTITUIÇÃO

<i>Inst. de origem do autor</i>	<i>% Cit. Estrangeiras</i>	<i>% Cit. A própria inst.</i>	<i>% Cit. Nacionais a própria inst.</i>
EAESP	79%	10%	49%
USP	68%	18%	56%
UFBA	66%	7%	22%
UNB	64%	17%	48%
UFPE	62%	6%	16%
UFMG	58%	14%	34%
UFPB	55%	9%	21%
UFRGS	54%	16%	34%
UFSC	53%	11%	24%
UFRN	52%	12%	26%
EBAPE	45%	8%	14%

63% do total de citações no período são feitas a autores estrangeiros. Este alto índice de referência a obras e autores não brasileiros é consistente com estudos anteriores (ex.: VIEIRA, 1998, 2003; VERGARA, 1995, 1996, 2000; ARKADER, 2003), e reforça a preocupação corrente com um campo de estudos (em administração como um todo) talvez excessivamente *importado*. É verdade que o fato da produção acadêmica brasileira no campo ser relativamente recente e ainda incipiente, quando comparada à produção internacional, pode

ajudar a justificar parte da citação estrangeira; no entanto, quando se contrastam esses índices com os elevados níveis de auto-citação e de citação à própria instituição (o que fazemos a seguir), parece impossível deixar de creditar boa parte dessa tendência de importação também a vieses dos pesquisadores. Ora, os dados aqui expostos mostram que tende-se a citar pouco produção brasileira, com exceção daquela provinda da própria instituição do autor! De fato, quando analisada a distribuição desse padrão de citação por instituição, percebe-se que a base de citações está realmente muito concentrada. A maioria dos autores citados provém do exterior ou da própria instituição do autor. Nesse sentido, isto sim pode revelar – já dados os descontos à menor base de produção local – uma preocupante falta de conhecimento, interesse ou qualificação do que é produzido nacionalmente. Os casos da FGV-EAESP e da USP representam bem isso: no primeiro caso, 79% da base citada é internacional e, dos autores nacionais, quase 50% são autores da própria instituição; no caso da USP, 68% da base de autores citados é de autores internacionais, e 56% do restante é da própria instituição. Apesar de mais extremos, esses dois casos não são uma exceção na amostra. Obviamente, não se trata aqui de criticar o excesso à referência à produção estrangeira por pura xenofobia: o cerne deste problema não é a mera ocorrência da citação a um autor ou obra estrangeiro, mas por um lado o excesso de incidência, e por outro a escolha da referência meramente *por ser estrangeira*, ou a desvalorização da produção local unicamente *por ser nacional* (ou por não ser do próprio autor).

Realmente, quando a presença estrangeira não é majoritária, prevalece a referência a obras da própria instituição. Na Figura 8, isto pode ser visto no relacionamento entre as instituições (o quanto uma cita a outra). Sem exceção, excluída a citação estrangeira, a maioria das citações é feita a obras advindas da própria instituição do autor, confirmando a tabela anterior: USP (com 18% do total das citações à própria instituição), UnB (com 17%) e UFRGS (com 16%) encabeçam essa tendência. Percebe-se que a tão recomendada (FISCHER, 1993) construção de redes e maiores relações inter-institucionais na área é de fato necessária e premente.

FIGURA 8. RELACIONAMENTO ENTRE INSTITUIÇÕES - % DE REFERÊNCIAS A OUTRAS INSTITUIÇÕES.

		INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DO AUTOR DO ARTIGO											
		UFMG	UFRGS	USP	UFBA	EAESP	UFPE	UFSC	UFRN	UNB	UFFPB	EBAPE	PUC-RJ
INSTITUIÇÃO DO AUTOR DA CITAÇÃO	EXTERIOR	58%	54%	68%	66%	79%	62%	53%	52%	64%	55%	45%	61%
	USP	5%	5%	18%	3%	4%	7%	7%	4%	4%	5%	5%	8%
	UFMG	14%	2%	1%	3%	0%	1%	4%	3%	0%	3%	0%	1%
	EAESP	2%	2%	1%	2%	10%	1%	2%	5%	1%	4%	3%	2%
	UFRGS	2%	16%	0%	2%	0%	3%	5%	5%	1%	1%	2%	1%
	UNB	1%	1%	1%	3%	0%	0%	1%	1%	17%	0%	1%	1%
	UNICAMP	2%	3%	1%	1%	0%	0%	1%	3%	0%	0%	1%	1%
	UFBA	1%	1%	1%	7%	0%	0%	0%	1%	7%	1%	1%	1%
	EBAPE	1%	0%	0%	1%	0%	0%	0%	1%	0%	1%	8%	3%
	PUC-RJ	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%	0%	1%	0%	8%
	UFSC	0%	1%	0%	0%	0%	0%	11%	0%	0%	0%	0%	0%
	UFFPB	0%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	0%	0%	9%	1%	0%
	UFRN	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	12%	2%	0%	0%	0%
	UFRJ	0%	1%	1%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	0%	0%	2%
	UFPE	0%	0%	0%	1%	0%	6%	0%	0%	0%	1%	1%	1%

“De Acordo Comigo,...”: Incidência e Padrões de Auto-citação

Um dos resultados mais expressivos do estudo é, sem dúvida, o elevado índice de auto-citação, e como tal prática constitui um padrão razoavelmente consistente por instituição de origem do autor. De certa forma, este tipo de análise revela a ocorrência do “narcisismo acadêmico” médio na área, e forma pela qual tal tipo de padrão se reproduz no campo. Como mostra a Figura 9, muitas das instituições mais citadas no período apresentam incidência significativa de auto-citação. O interessante desse quadro é mostrar a incidência por artigo de auto-citações, atenuando o argumento de que a auto-citação se justificaria quando o autor cita um único estudo de origem (tese, projeto de pesquisa etc.) que origina o artigo. Pelo levantamento, embora exista, essa tendência de auto-citação unitária não é prevaiente na amostra estudada. Quando agregamos estes padrões de auto-citação por instituição e não por autor, como é feito neste trabalho, autores com baixa auto-citação por terem pouco o que citar podem distorcer a incidência desse tipo de padrão para baixo. Por esse motivo, como mencionado na seção metodológica, levantamos a produção anterior de todos os autores da amostra, buscando um a um a existência de produção acadêmica anterior. Com base nessa informação adicional, recalculamos os índices de incidência de auto-citação apenas para aqueles autores que tinham produção passível de auto-citação no ano de publicação do trabalho. Os dados são mais uma vez expressivos e denotam a significativa incidência (ou

seja, mais do que mera ocorrência unitária, múltipla ocorrência por artigo) de auto-citação no período. Usando essa base, 70% das Instituições cujos autores tinham produção anterior apresentam artigos com pelo menos uma auto-citação, e uma parte expressiva de autores da amostra têm elevada incidência de 3, 4 ou até mais auto-citações por artigo. Um autor analisado, no período, se auto-citou nove vezes em um único artigo !

FIGURA 9. INCIDÊNCIA DE AUTO-CITAÇÕES - % DE ARTIGOS COM MÚLTIPLAS AUTO-CITAÇÕES - CLASSIFICAÇÃO POR INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DO AUTOR.

INSTITUIÇÃO DE ORIGEM DO AUTOR	TOTAL DE ARTIGOS						ARTIGOS DE AUTORES C/ PRODUÇÃO ANTERIOR					
	Nº de Auto-citações por artigo						Nº de Auto-citações por artigo					
	0	1	2	3 ou +	4 ou +	5 ou +	0	1	2	3 ou +	4 ou +	5 ou +
UNB	37%	11%	0%	53%	53%	42%	0%	17%	0%	83%	83%	67%
UFRN	44%	50%	0%	6%	6%	6%	0%	89%	0%	11%	11%	11%
UFMG	51%	24%	10%	14%	9%	6%	31%	34%	14%	20%	12%	9%
UFPB	57%	29%	0%	14%	14%	14%	40%	40%	0%	20%	20%	20%
USP	57%	22%	11%	9%	4%	0%	39%	32%	16%	13%	5%	0%
UFRGS	60%	10%	21%	9%	4%	0%	33%	18%	35%	15%	8%	0%
UFBA	60%	30%	0%	10%	0%	0%	27%	55%	0%	18%	0%	0%
UFSC	65%	24%	12%	0%	0%	0%	33%	44%	22%	0%	0%	0%
FGV-EBAPE	69%	0%	15%	15%	0%	0%	0%	0%	50%	50%	0%	0%
FGV-EAESP	73%	7%	20%	0%	0%	0%	64%	9%	27%	0%	0%	0%
UFPR	75%	25%	0%	0%	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%	0%
UFPE	83%	17%	0%	0%	0%	0%	25%	75%	0%	0%	0%	0%
PUC-RJ	93%	0%	7%	0%	0%	0%	80%	0%	20%	0%	0%	0%

“De Acordo Conosco,...”: Incidência e Padrões de Citação à Própria Instituição

Muitos dos autores da amostra – e, no agregado, suas instituições – podiam não ter grande

FIGURA 10 – INCIDÊNCIA DE CITAÇÕES À PRÓPRIA INST.

INSTITUIÇÃO DO AUTOR	NÚMERO DE CITAÇÕES À PRÓPRIA INSTITUIÇÃO					
	0	1	2	3 +	4+	5+
UNB	37%	5%	16%	42%	42%	42%
UFRN	38%	13%	19%	31%	19%	19%
UFPB	43%	14%	14%	29%	29%	29%
FGV-EAESP	53%	13%	7%	27%	20%	7%
UFBA	55%	15%	10%	20%	10%	10%
UFSC	59%	0%	12%	29%	18%	18%
FGV-EBAPE	62%	0%	8%	31%	15%	0%
USP	70%	4%	7%	19%	13%	9%
PUC-RJ	71%	14%	0%	14%	7%	0%
UFPE	72%	11%	11%	6%	6%	0%
UFRGS	73%	4%	3%	19%	13%	10%
UFMG	76%	2%	3%	19%	15%	13%
UFPR	88%	13%	0%	0%	0%	0%

incidência de auto-citação, mas privilegiavam citações à própria instituição, como vimos nas Figuras 7 e 8. No entanto, cabe aqui analisar – como fizemos com auto-citação – a incidência desse padrão de citação à própria instituição. Ou seja, cabe discernir entre aqueles que citam obras da própria

instituição uma única vez daqueles que o fazem múltiplas vezes por artigo. Se a análise de incidência de auto-citação media algo como o nosso “narcisismo acadêmico”, a análise de incidência de citações à própria instituição mediria algo semelhante ao “ufanismo” ou “bairrismo” acadêmico na nossa produção. Como ilustra a Figura 10, muitas das instituições com alta incidência de auto-citação por artigo também apresentam alta incidência de citações à própria instituição por publicação. As mais altas incidências e algumas das classificações em auto-citações se repetem ou chegam perto disso no que tange a citações da própria instituição. Esta semelhança tem uma certa coerência: afinal, quando os autores se auto-citam, eles também estão citando muito à própria instituição. Por outro lado, a comparação da Figura 10 com a Figura 9 revela diferenças sutis entre as duas classificações, mostrando que algumas instituições apresentam elevada incidência de citações à própria instituição mesmo quando os autores não se auto-citam tanto, como pode-se notar ser o caso de instituições como a FGV-EAESP e a UFPB.

Intensidade e Representatividade de Auto-citação e de Citação à Própria Instituição

FIGURA 11. INTENSIDADE/ REPRESENTATIVIDADE DE AUTO-CITAÇÕES POR INSTITUIÇÃO - % DE AUTO-CITAÇÕES E CITAÇÕES À PRÓPRIA

<i>INSTITUIÇÃO</i>	<i>AUTO CITAÇÕES</i>	<i>CITAÇÕES A PRÓP. INST.</i>
UEPB	18%	40%
ESAL	17%	33%
MACKENZIE	13%	25%
UFSCAR	21%	21%
UNB	16%	21%
UFC	20%	20%
IMES	0%	19%
UCAM	9%	18%
UFMT	0%	18%
CRT	12%	18%
USP	5%	16%
UFMG	5%	15%
UFRGS	5%	13%
UFPB	4%	13%
UFRN	4%	13%
UFSC	3%	12%
PUC-RS	9%	11%
FUMECMG	0%	11%
FGV-EAESP	2%	10%
PUC-SP	5%	10%
UFRJ	6%	10%
UNISINOS	8%	10%

Até agora, um aspecto de grande importância deixou de ser refletido: o quanto essas auto-citações ou citações à própria instituição representam do total de obras citadas em cada artigo. Em outras palavras, há uma grande diferença (até agora não explicitada) se um autor faz, por um lado, três auto-citações em um texto com um total de nove referências, ou se um autor, por outro lado, faz as mesmas três auto-citações em um texto com um total de trinta referências. Nas análises feitas até agora (sobre *incidência*) ambos mostram-se como autores que se auto-citam três vezes no mesmo artigo, na análise feita a seguir (sobre *intensidade* ou *representatividade*), o primeiro se auto-cita em

um terço de suas referências, enquanto que o segundo se auto-cita em apenas 10% das referências que faz. A Figura 11 permite visualizar que muitas instituições parecem ter “cultura” de auto-citação e citação à própria instituição de elevada intensidade: ou seja, autores dessas instituições parecem ver como natural que 15 ou 20% das citações em seus trabalhos cite a si próprios, ou que 15, 25 ou até 40% das referências feitas sejam a autores de suas próprias instituições. É bom aqui lembrar que a medida de auto-citação e de citação à própria instituição da Figura 11 apresenta-se diluída pelo total de autores da instituição no período: ou seja, mesmo aqueles que não tinham o que citar à época da publicação estão considerados na contagem do total de auto-citações feitas, aumentando o denominador e portanto diminuindo o quociente da equação. É verdade que toda a análise – e crítica – feita até agora sobre alta incidência de auto-citação e citação à própria instituição precisa ser, na medida do possível, “relativizada”: por exemplo, poderia-se argumentar que instituições que dominem um campo de pesquisa apresentem justificadamente alta incidência e intensidade de auto-citação e citação à própria instituição. Uma ilustração disto nesta pesquisa pode ser o caso da UnB, que aparece no presente estudo com altos índices de auto-citação por diversas medidas. Neste caso, poderia-se argumentar que, uma vez que alguns autores dessa instituição detenham a maior parte da produção brasileira sobre comprometimento organizacional, não lhes restaria muita opção a não ser citar a si próprios. Este é um ponto válido, mas lamentavelmente quase impossível de controlar objetiva ou estatisticamente em amostras tão populosas e de temáticas tão diversificadas como a que aqui analisamos². Por outro lado, é também verificável que esse tipo de alta intensidade de auto-citação aparece não apenas em instituições com elevada produção (como a UnB o é em certas áreas), mas também em instituições com menor volume de trabalhos passíveis de citação, como mostra a Figura 11. Seja como for, acreditamos que como muitos desses novos programas parecem estar sendo formados de egressos dos programas maiores ou mais tradicionais, a idéia de que esse padrão de comportamento auto-referente possa estar sendo difundido a partir de pesquisadores e de ex-alunos dos principais programas de pós-graduação do país pode ganhar força. Seria mais um motivo para provocar o debate, no próprio âmbito da Anpad, sobre comportamentos “adequados” de autoria e referência, e sobre o combate à potencial endogenia acadêmica em nossa área.

Discussão e Conclusões

De forma geral, os resultados da pesquisa apontam para problemas intrincados e limitações estruturais do desenvolvimento da produção acadêmica da área de Recursos Humanos na década de 90. O que esta pesquisa revela, e como tais revelações podem ser usadas para superar os desafios de desenvolvimento da área? Trabalhos e pesquisas como o que aqui empreendemos poderiam ser acusados de meramente dedicar-se à contemplação retrospectiva e passiva do desenvolvimento de áreas de conhecimento. De fato, é muito mais fácil apontar padrões de comportamento e ação em amplas bases de dados, e daí criticar a área, seus problemas e nós, seus autores, do que apontar caminhos de superação desses problemas e de melhoria do campo como um todo. Nesta seção, além de discutir os resultados da pesquisa como um todo, procuramos concluir o trabalho apontando sugestões ao campo para lidar com os principais problemas e limitações apontados na produção de RH da década de 90 no ENANPAD. Como dito anteriormente, as sugestões a seguir advêm da combinação da análise quantitativa acima com a análise qualitativa dos artigos usando a base disponível do trabalho de Caldas et al. (2002).

Dos achados da pesquisa, o primeiro foi a forte incidência de citações a textos gerencialistas e de fontes institucionais ou não acadêmicas. De fato, a citação de textos (muitas vezes sem sequer um autor declarado) veiculados em publicações como *Exame*, *HSM* etc. como base de “fundamentação” de nossos trabalhos é, por si só, um lamentável atestado que boa parte da área passa ao mundo de sua fraqueza teórica. Talvez também possa derivar daí a popularidade dessas publicações como fonte de “conhecimento”: afinal, nós mesmos estamos adotando, indicando e referendando essas fontes. Por esse motivo, a primeira sugestão à área.

Sugestão à área S1: revisar os critérios de avaliação, aumentando a seletividade nos processos de revisão de artigos submetidos aos principais veículos (periódicos e congressos) nacionais, dificultando o aceite de trabalhos com base conceitual academicamente questionável.

Uma segunda linha dos resultados mostrou a intensa pulverização de fontes de referências (especialmente periódicos e congressos) que são citadas na área na década de 1990. A natureza razoavelmente consistente de utilização intensiva – ou ignorância persistente – de muitos dos principais veículos nacionais pelos programas mostra que o que é “bom” ou “mal” periódico ou congresso, e daí o conceito do que “vale a pena” ser lido e conhecido, é muito

dependente do processo cultural e de socialização vivido em cada programa. Foi isso que nos levou a fazer a seguinte sugestão à área.

Sugestão à área S2: *discutir os critérios e empreender uma revisão comparativa (estruturada) da qualidade e da extensão de impacto da publicação nos veículos nacionais.*

Em essência, a sugestão S2 sugere que é possível que tenha chegado o momento, na área de administração, de ser melhor estruturada a análise comparada de qualidade e a extensão de impacto da publicação em cada um de seus veículos. Se o campo não empreender tal esforço, ao que tudo indica, cada programa continuará com sua versão do que vale a pena ou não ler.

O outro resultado que é muito evidente é o que demonstra a grande concentração de autores citados em poucos programas: como discutido acima, esse tipo de concentração excessiva pode ameaçar a diversidade de referências da área como um todo, o que por sua vez constitui um dos principais direcionadores da endogenia, como discutimos adiante. Isto nos leva à terceira sugestão à área.

Sugestão à área S3: *facilitar o acesso à pesquisa inter-instituição, incentivar a intensificação do intercâmbio e o aumento de diversidade institucional das referências.*

Como campo de conhecimento, a área de RH não pode furtar-se a influenciar o processo que hoje leva cada instituição e seus autores a ignorar boa parte do que os demais produzem. Mecanismos de acesso à pesquisa feita em outros programas e os meios para financiá-los podem ser, portanto, tópicos frutíferos de discussão na área nos próximos anos.

Um próximo resultado, que confirma pesquisa anterior no campo, aponta a tendência predominante à citação estrangeira e à própria instituição na maioria dos programas. Na prática, isto implica no risco da endogenia em campos científicos: sabemos que, para produzir um trabalho científico, é necessário mostrar que se sabe o que foi produzido antes e, portanto, que o trabalho apresenta conteúdo incremental (Fujigaki, 1998). Quando ocorre a endogenia, ou seja, quando a rede de trabalhos conhecidos e que servem de base para evolução é pequena, e há pouco relacionamento e pouco incremento de conhecimento em uma determinada área, pode-se dizer que essa área pode ceder à entropia. Este tipo de processo, pensado no contexto brasileiro, nos faz pensar em duas outras sugestões à área.

Sugestão à área S4: *Facilitar e incentivar (via revisão dos critérios de avaliação dos programas, ou dos recentemente propostos processos de certificação institucional) a limitação da referência à própria instituição e aumento de redes inter-institucionais.*

Sugestão à área S5: *Viabilizar e incentivar a formação de programas e linhas de pesquisa, bem como programas de pós-graduação, inter-institucionais, que aproximem e disseminem mais a pesquisa nacional e promovam o intercâmbio de referências.*

Deixamos claro em todo este artigo o fato de acreditarmos que os altos níveis de referência estrangeira, auto-citação e de citação à própria instituição que encontramos no estudo são dignos de preocupação. Não que qualquer ocorrência de referência estrangeira automaticamente designe estrangeirismo (como já discutimos acima), nem que qualquer auto-citação indique necessariamente narcisismo ou ufanismo acadêmico². No caso da auto-referência, e analogamente ao que discutimos sobre o excesso de referência estrangeira, o problema é claramente não de simples ocorrência, mas de *incidência* (no sentido de volume), *constância* (no sentido de hábito de autores e instituições ao longo do tempo), e *intensidade* (no sentido de representatividade da auto-referência no conjunto das obras citadas ou consultadas). É por esse motivo que as conclusões e análises acima se concentram não nos casos de ocorrência mínima ou dispersa de auto-referências, mas na sua alta incidência, constância, e intensidade *médias*, na amostra estudada. E é isto que justifica nossa preocupação. No que tange a esses altos níveis de auto citação e de citação à própria instituição entre as instituições representadas na amostra, os dados do estudo evidenciam certa coerência por programa, sugerindo padrões de comportamento aprendidos dentro de cada instituição, que são propagados na socialização de novos docentes, na formação de egressos (críticas à falta de “publicação da casa” em defesas de dissertações e teses etc.) e assim por diante. Duas sugestões à área se apresentam a partir dessa constatação.

Sugestão à área S6: *Debater, talvez no âmbito do Enanpad, o que seriam padrões “adequados” de comportamento de autoria e de referência para o nosso contexto, e quais os procedimentos e metodologias corretos para medir e limitar auto-citação e citações da*

² Agradecemos aos múltiplos (!) revisores anônimos (tanto da RAE como do ENANPAD), pelas construtivas sugestões de melhoria e indagações que fizeram aos autores sobre este artigo. Em particular, agradecemos àqueles revisores, bem como a leitores de versões preliminares deste artigo (como Tomás de Aquino, no caso da UnB), por apontarem essa necessidade de tentar relativizar as críticas de alta incidência de auto-citações.

própria instituição no campo. Como essas discussões ultrapassam os limites da área de RH, promover trabalhos de investigação como o aqui empreendido nas demais áreas.

Por fim, os resultados em torno da representatividade de auto-citações é preocupante, e parece mostrar padrões razoavelmente consistente em cada programa, como se esse tipo de comportamento fosse reproduzido em seus egressos nas suas instituições de destino. Surge daí nossa última sugestão à área.

Sugestão à área S7: Discutir no âmbito do Enanpad as limitações de eficácia do padrão auto-centrado de autoria e referência, bem como formas de combater a endogenia que o excesso de auto-citações ou citações “do próprio quintal” podem produzir em nossa área.

Tomando-as como um todo, as conclusões sobre a pesquisa e as sugestões acima sugerem que, mais do que mapear limitações, pesquisas como esta devem *ativamente engajar-se*, mesmo pela provocação e por sugestões (passíveis de amplo debate e crítica), na indicação de caminhos e soluções para os problemas de desenvolvimento que apontam. Não nos esquivamos de fazer tais indicações, e esperamos ajudar em um debate que outros autores e trabalhos já começaram na área e no campo de administração como um todo. A melhor notícia, por outro lado, é de que boa parte das soluções está dentro de nosso controle: dependem, tal como as vemos, mais de nós mesmos, autores e pesquisadores atuantes na área, do que de quem quer que seja. Só dependem de nós mais rigorosos critérios de seleção de trabalhos e de avaliação de veículos; depende apenas de nós a criação de códigos de conduta para autores e instituições na autoria e citação de referências; somente de nós depende a criação e difusão de balanços sobre o que fizemos e sobre como fizemos. Assim como só de nós dependeu a evolução da área até hoje – afinal, quando falamos dos problemas da área, não falamos de outrem: falamos todos do que *nós* fizemos, e do que poderíamos ter feito diferente, ou melhor. Isso faz os problemas e limitações estruturais que encontramos no desenvolvimento recente da área mais palatáveis e superáveis. Porque seu tratamento e superação dependerão, em última análise, de nossa própria ação. É claro que as sugestões feitas estão tão longe de serem exaustivas quanto estão de serem simples. Mas sabe-se muito bem que o desenvolvimento e melhoria de campos científicos é uma tarefa gradual e coletiva. Este é apenas mais um passo em uma área que se descobre e re-descobre continuamente.

Referências Bibliográficas

- ARKADER, R. A pesquisa científica em gerência de operações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 70-79, 2003.
- AZZONI, Carlos R. "Clássicos" da literatura econômica brasileira: trabalhos e autores mais citados nas nossas revistas acadêmicas. *Economia Aplicada*, v. 2, n. 4, p. 771-780, 1998.
- AZZONI, C. R. Desempenho das revistas e dos departamentos de economia brasileiros segundo publicações e citações recebidas no Brasil. *Economia Aplicada*, 4(4):786, 2000.
- CHANDY, P. R. ; WILLIAMS, T.G. The impact of Journals and authors on International Business Research : A citation analysis of JIBS articles. *Journal of International Business Studies*.v. 25 n.4, p. 715-728. 1994.
- COLE, J.R. E COLE, S. *Social Stratification in Science*. Chicago: U of Chicago Press, 1973.
- FISCHER, T. A formação do administrador brasileiro na década de 90: crise, oportunidade e inovações nas propostas de ensino. *RAP*. v. 27, n. 4, p. 11-20. out/dez 1993
- FUJIGAKI, Y. The Citation System, *Scientometrics* 43, 77-85. 1988.
- GARFIELD, E., "Citation Indexes for Science," *Science*, 122, 108. 1955.
- GARFIELD, E. *Citation Indexing: Its theory and application ins Science, Technology and Humanities*. New York. Willey, 1979.
- HOPPEN, N., AUDY, J.L.N., ZANELA, A.I.C., CANDOTTI, C.T., SANTOS, A M., SCHEID, R. PERIN, M.G., MECCA, M.S. e PETRINI, M. Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. In: ENANPAD, 22º, 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1998. Administração da Informação.
- KEINERT, Tânia M. O que é administração pública no Brasil? In: ENANPAD, 24o, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000. Marketing.
- KOSTOFF, Ronald N. The Use and Misuse of Citation Analysis in Research Evaluation, *Scientometrics* 43, 27-43. 1998.
- LEAL, R.; OLIVEIRA, J.; SOLURI, A. Perfil da Pesquisa em Finanças no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 91-104, 2003.
- LEYDESDORFF, Loet. Theories of Citation? *Scientometrics* v.43, p. 5-25. 1998
- MACHADO DA SILVA, Clóvis L., CUNHA, Vera C., AMBONI, Nério. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENANPAD, 14º, 1990, Florianópolis..

- MACROBERTS, M.H. e MACROBERTS, B.R. Problems of citation analysis. *Scientometrics*. v.36. p.435-444. 1996.
- MARTYN, J. "An Examination of Citation Indexes," *Aslib Proceedings*, 17(6), 184. 1965.
- MERTON, R. K. Foreword. (Garfield E)Citation indexing--its theory and application in science, technology, and the humanities. Philadelphia: ISI Press, p. vi (1983).
- PERIN, Marcelo G., SAMPAIO, Cláudio H., FROEMMING, Lurdes M. S., LUCE, Fernando B. A pesquisa survey em artigos de marketing nos Enanpads da década de 90. In: ENANPAD, 24o, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000.
- QUINTELLA, R. Encontro nacional da Anpad x Meeting of AOM: Lições, questionamentos e especulações. *Revista de Administração de Empresas*. V. 43, n.3, p. 107-115. 2003.
- TONELLI, M.; CALDAS, M.; LACOMBE, B; TINOCO, T. Produção Acadêmica em Recursos Humanos no Brasil: 1991-2000. *RAE*, v. 43, n. 1, p. 105-122, 2003.
- VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da Informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*., Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.
- VERGARA, Sylvia C., CARVALHO JR., Dourival de S. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: ENANPAD, 19º, 1995, João Pessoa. Anais... Rio de Janeiro : Anpad, 1995. Vol. 6. Organizações. p. 169-88.
- VERGARA, Sylvia Constant. & CARVALHO JR., Dourival de Souza. Refletindo sobre as possíveis conseqüências da análise organizacional apoiada em referências estrangeiras. *RAP*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. v. 30, n.6, 1996
- VERGARA, S., PINTO, M. C. S. "Nacionalidade das referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira." In: ENANPAD, 1º, 2000, Curitiba. Anais...Curitiba, 2000.
- VIEIRA, F. G. Narciso sem espelho: A publicação brasileira de marketing. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 81-90, 2003.
- VIEIRA, Francisco G. D. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: ENANPAD, 23º, 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1999. Marketing.

VIEIRA, Francisco G. D. Panorama acadêmico-científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil. In: ENANPAD, 24º, 2000, Florianópolis. Anais... RJ : Anpad, 2000. Marketing.

WOOD JR, T.; PAULA, A. Pop-Management: Pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil. 2002. In: ENANPAD, 26º, 2002, Salvador. Anais... Salvador: Anpad, 2002

WORMELL, I. Informetria: explorando bases de dados como instrumentos de análise. *Ciência da Informação*, Brasília, v.27, n. 2, p. 210-216, maio/ago. 1998.

**ANEXO I –
PROJETO ORIGINAL DE PESQUISA**

NPP – PROJETO DE PESQUISA

ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA DE RH NA DÉCADA DE 1990 – UM MAPEAMENTO A PARTIR DAS CITAÇÕES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO ENANPAD

Área: Administração de Empresas (AE)

Linha de pesquisa: Normal

Prof. Miguel P. Caldas

***NPP – PROJETO DE PESQUISA
ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA
DE RH NA DÉCADA DE 1990 – UM MAPEAMENTO A PARTIR DAS
CITAÇÕES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO ENANPAD***

Área: Administração de Empresas (AE)

Linha de pesquisa: Normal

RESUMO

Esta pesquisa propõe o uso de análise bibliométrica para entender a influência de autores e instituições na produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil na década de 90 (1991 a 2000). O estudo propõe-se levantar, em todos os artigos de RH publicados no período nos anais do Enanpad, a constituição, origem e padrão de inter-relação de todas as citações, autores e instituições que publicaram e foram citados na área. O objetivo é, prosseguindo o caminho de mapeamento e auto-reflexão da área iniciado por estudos recentes, analisar aspectos da produção científica que só podem vir à luz pelo minucioso levantamento e cruzamento das obras citadas por cada trabalho publicado. Por esse caminho, pretende-se levantar (i) o tipo (livros, periódicos acadêmicos, jornais e revistas não acadêmicas etc.) de publicação usada como fundamentação pelos autores; (ii) a origem (nacional x estrangeira) dessas publicações citadas; (iii) quais os autores (nacionais e estrangeiros) e instituições mais citados; (iv) quais os veículos de divulgação científica (periódicos) mais referenciados no campo; e (v) a incidência de auto-citação e endogenia, isto é, quanto os autores citam a si próprios e a suas próprias instituições.

PALAVRAS-CHAVES

Recursos Humanos, produção científica, análise bibliométrica, citações.

ABSTRACT

This research Project proposes the use of bibliometric analysis to understand the influence of authors and institutions in the Human Resources academic literature produced in Brazil throughout the 90's (1991 a 2000). The study proposes to map out, within all of the articles published in the ENANPAD proceedings, the constitution, origin, and relationship patterns of all citations, authors and institutions that were cited in the period's published articles. The objective is,

following the path of analysis and self-assessment recently initiated in the Human Resources area by recent studies, to scrutinize aspects of scientific research that can only arise through the careful collection and interpretation of all cited references by each of the published articles in a given period. Following such direction, the study aims to analyze (i) the type (books x academic journal x magazines and non-academic publication etc.) of publication used as referenced foundation by authors; (ii) the origin (local x foreign) of such cited publications; (iii) who were the most cited authors (local and foreign) and institutions; (iv) which were the most cited outlets (journals) in the field; and (v) the level of self-citation and endogeny, i.e., how frequently authors tend to cite themselves and their own institutions.

KEY-WORDS

Human Resources, academic production, bibliometric analysis, citations.

NPP – PROJETO DE PESQUISA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA DE RH NA DÉCADA DE 1990 – UM MAPEAMENTO A PARTIR DAS CITAÇÕES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO ENANPAD

1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Nos últimos anos, um número crescente de áreas e autores (por ex.: Organizações [MACHADO-DA-SILVA et al, 1990; BERTERO e KEINERT, 1994]; Marketing [VIEIRA, 1998, 1999, 2000, 2003; PERIN et al, 2000, BOTERO e MACERA, 2000]; Produção [BIGNETTI e PAIVA, 1997], Operações [ARKADER, 2003]; Tecnologia de Informação [HOPPEN et al, 1998]; Finanças [LEAL et al, 2003]) têm-se dedicado à análise da produção acadêmica nacional. O objetivo tem sido verificar a qualidade do que é produzido em cada área de conhecimento da administração; no geral, tem-se mostrado que há problemas sérios e recorrentes em todas as áreas, como a falta de solidez metodológica (fato também observado por QUINTELLA [2003] em sua comparação entre o Enanpad e o Encontro da *Academy of Management*), base teórica importada, falta de relevância da pesquisa realizada e autoria com baixa diversidade de origem.

Na área de Recursos Humanos, esse tipo de análise também ganhou atenção recente. CALDAS, TONELLI e LACOMBE (2002) analisaram a produção na área no Enanpad entre 1990 e 2001, enquanto TONELLI et al. (2003), mais recentemente, incluíram além do Enanpad, a produção de RH veiculada nos principais periódicos nacionais. Os resultados desses dois trabalhos indicam que (i) o escopo temático da área é contestado pelo recente crescimento do campo de *comportamento organizacional*; (ii) sua base epistemológica é funcionalista; (iii) sua base metodológica é frágil, com predominância de estudos de caso ilustrativos de teoria já bem estabelecida; e (iv) a maior parte da produção da área (65% ou mais) vem de poucos programas de pós-graduação.

Embora importantes sinais de alerta, estes estudos deixam de fazer uma análise mais aprofundada dessa produção, seja em termos de conteúdo, seja em termos do trajeto de influência de autores, instituições e publicações que serviram de base à produção acadêmica de recursos humanos no período. Ou seja, estes estudos não analisaram as citações dos artigos publicados, buscando identificar em maior detalhe *quem e o que* esta produção usou para basear-se e criar conhecimento, bem como *de que maneira se fez esse uso*. Este tipo de análise (“citacional” ou “bibliométrica”) é normal e corrente em outros países, e é usada como elemento para entender como um determinado

campo do conhecimento foi influenciado por determinados autores, instituições, países, linhas de pensamento, veículos etc. (ver revisão em GARFIELD, 1955,1998, 2000; LEYDESDORFF, 1998 ou KOSTOFF, 1998).

2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Tentativas iniciais de fazer análise citacional já ocorreram no Brasil. Na área de economia, as pesquisas de AZZONI (1998, 2000) visaram avaliar a produtividade dos autores, o ranking de revistas mais importantes e a performance das instituições acadêmicas da área. Já na administração, os estudos de VERGARA (1995, 1996, 1998), por exemplo, analisaram a nacionalidade dos autores citados no campo de Organizações entre 1989 e 1998 nos artigos publicados na RAE, RAP, RAUSP e no Enanpad, e concluíram que, apesar do crescimento do número de artigos publicados e citados, a base de citações da área tem se mostrado predominantemente estrangeira – estado unidense – o que é um problema quando se pensa em proximidade entre a pesquisa e a realidade nacional.

No entanto, na área de Administração, tanto os estudos concentrados em RH (CALDAS, TONELLI E LACOMBE, 2002; TONELLI et al., 2003) quanto os estudos de citação já realizados (VERGARA, 1995, 1996, 1998; BIGNETTI e PAIVA, 2002) deixaram de prover uma análise detalhada de quais são os autores, veículos e instituições mais citados em RH no Brasil, bem como de levantar os padrões de referência dos seus principais autores (e de suas instituições de origem).

Sem esse tipo de análise, por mais ricas que sejam, estes estudos e contribuições anteriores falham em evidenciar algumas importantes limitações e potencialidades de melhoria da área e de sua produção científica. Por exemplo, para qualquer um leitor da produção acadêmica em R.H. nos últimos anos, deve parecer curioso como alguns autores parecem fazer questão de ignorar a produção recente de outros colegas que, em outros programas, têm desenvolvido trabalho semelhante ao seu. Ou não será difícil notar que a produção de muitos desses autores ignorados fora de seus programas é amplamente citada pelos seus próprios autores e pelos seus colegas em seus programas, formando “bolsões” simultaneamente auto-referidos e ignorantes do que se faz no mesmo assunto em outros programas.

A falta dessa análise mais aprofundada faz com que não se consiga verificar se a área lê a si própria; se ela foge do processo entrópico que a endogenia (em termos de excessiva auto-citação ou referência excessiva à produção do próprio programa) pode provocar; se ela está evoluindo no processo de criação de redes inter-institucionais que a área de administração tem tanto advogado recentemente no Brasil (FISCHER, 1993); e se a criação e disseminação de conhecimento na área, usando tais redes, está

ocorrendo da forma mais rápida e eficaz que é possível, capitalizando a produção de um centro em todos os demais, e evitando que a mesma pesquisa seja feita em universidades diferentes, como é classicamente previsto para campos científicos (Martyn, 1964; Cole e Cole, 1972).

3. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O objetivo genérico deste trabalho é contribuir no preenchimento dessa lacuna na análise da produção científica em recursos humanos no Brasil dos últimos anos, usando análise bibliométrica para entender a influência de autores e instituições na produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil, bem como o comportamento de auto-citações e citações à própria instituição dos autores e programas que produziram na década de 90.

Em termos específicos, o estudo proposto é uma análise bibliométrica, com os objetivos específicos de **detalhadamente levantar e interpretar**:

1. O **tipo** (livros, periódicos acadêmicos, jornais e revistas não acadêmicas etc.) **de publicação** usada como fundamentação pelos autores;
2. A **origem** (nacional x estrangeira) **dessas publicações citadas**;
3. Os **autores** (nacionais e estrangeiros) e **instituições mais citados**;
4. Os **veículos** de divulgação científica (periódicos) **mais referenciados** no campo;
5. **Incidência de auto-citação e endogenia**, isto é, quanto que os autores citam a si próprios e a suas próprias instituições; e
6. As **implicações do estudo** para a pesquisa na área e **sugestões para seu aprimoramento** e desenvolvimento enquanto campo de pesquisa científica.

4. CONCEITOS-CHAVE

4.1. Análise Bibliométrica

A bibliometria é um conjunto de métodos de pesquisa em constante evolução, desenvolvido pela Biblioteconomia e pelas Ciências da Informação, que utiliza análises quantitativa, estatística e de visualização de dados, fundamentalmente usado para investigar (Vanti, 2002):

- As tendências e o crescimento de uma área de conhecimento;
- As revistas do núcleo de uma disciplina;
- A cobertura de revistas secundárias;
- Os usuários de uma disciplina;
- Previsões de tendências de publicação;
- A dispersão e a obsolescência da literatura científica;
- A produtividade de autores individuais, organizações e países;
- O grau e o padrão de colaboração entre autores;
- Os processos de citação e co-citação;
- O crescimento de determinadas áreas e o surgimento de novos temas, entre outros.

A bibliometria é, portanto, usada para mapear a estrutura do conhecimento de um campo científico, e também como uma ferramenta primária para a análise do comportamento dos pesquisadores em suas decisões na construção desse conhecimento.

Segundo Wormell (1998), há na área das Ciências da Informação um “caos terminológico” que não permite distinguir de forma clara os conceitos individuais de seus sub-campos de análise – bibliometria, informetria, cienciometria e tecnometria. Por esse motivo, não temos aqui pretensão de fazer a diferenciação desses diversos sub-campos e, portanto, adotaremos o termo “bibliometria”, como o mais genérico dentre eles, para designar a metodologia utilizada.

Segundo autores da área (ex.: WORMELL, 1998; VANTI, 2002), são cinco os principais tipos de metodologias utilizadas pela bibliometria:

1. Análise de citações – estabelece as relações entre autores e/ou seus trabalhos, periódicos acadêmicos, campos de estudo, países etc.;
2. Análise de co-citação – estabelece a similaridade de objetos entre dois ou mais artigos;

3. Agrupamento bibliográfico – estabelece uma ligação entre artigos que citam os mesmos trabalhos;
4. *Co-word analysis*- analisa a co-ocorrência de palavras-chave; e
5. “Webometria” – estuda a relação entre os *sites* da Internet.

O presente trabalho enfoca e utiliza a primeira dessas metodologias (análise de citações) e, por esse motivo, aqui iremos nos deter especificamente nesse tipo de estudo, suas origens, potencialidades, aplicações e limitações.

4.2. Origens do Uso de Citações Para Análise de Publicações Científicas

O estudo de citações, apesar de pouco difundido ainda no campo da Administração no Brasil, não é tão recente quanto possa parecer na história da ciência. O primeiro índice de citações surgiu em 1873, nos EUA: o *Shepard's Citations* (WEINSTOCK, 1971). Esse índice foi criado inicialmente com o propósito de fornecer uma ferramenta para os juristas pesquisarem a jurisprudência e quais foram os precedentes legais em que as decisões anteriores estavam baseadas. Não se tratava de um índice da literatura jurídica, como é hoje, mas um índice de anais de processos jurídicos e as interpretações dadas pelos juristas a determinadas situações. Sucederam essa iniciativa, projetos semelhantes em diversas áreas.

Os primeiros índices foram construídos com base em palavras-chave, termos ou frases que apareciam nos *abstracts* e títulos dos *papers* e estavam sujeitos à subjetividade tanto por parte de quem inseria as informações no banco de dados quanto de quem procurava por um determinado assunto ou tema. Além disso, na melhor das hipóteses, as palavras escolhidas representariam apenas superficialmente o real objeto do artigo, assim muitas das informações inseridas seriam irrelevantes, tornando o banco de dados sem utilidade para pesquisas profundas, ou que abordassem temas secundários nos artigos, ou ainda que contemplassem a multidisciplinaridade.

Fazia-se necessário, portanto, a criação de um índice que fosse capaz de comunicar toda a comunidade acadêmica a mesma informação. Este novo índice poderia então diminuir o *gap* de subjetividade criado pelos anteriores. Acreditava-se que um índice baseado nas referências dos autores, ou seja, na bibliografia citada, seria capaz de realizar essa tarefa, abrindo as portas para tantas interpretações quantas fossem possíveis a respeito das idéias, conceitos e assuntos tratados por determinados autores, áreas, grupos de pessoas etc.

A partir dessa carência, na metade da década de 1950, Eugene Garfield sugeriu a criação de um sistema de citações que “avaliasse a relevância de um trabalho e seu impacto na literatura e no pensamento do período”(Garfield, 1955, p. 108). Em 1961, Garfield criou então o primeiro índice de citações em genética (*Genetics Citation Index*) e estabeleceu o *Science Citation Index* (GARFIELD, 1978). Em 1973, Garfield criou o primeiro índice de citações em Ciências Sociais e, em 1978, um índice semelhante para Artes e Humanidades (GARFIELD, 1978).

Os Índices de Citações foram imediatamente aceitos pois na época havia nos EUA uma grande pressão por parte do governo para que as universidades gerassem conhecimento e publicassem em veículos de informação de modo a comunicar suas descobertas à comunidade científica. Porém a disseminação de conhecimento não se dava de forma rápida e muitas vezes a mesma pesquisa acabava sendo feita em universidades diferentes, consumindo recursos inutilmente e/ou ignorando o conhecimento gerado anteriormente a respeito do mesmo assunto – *Unintentional Duplication of Research* (MARTYN, 1964; COLE e COLE, 1972). Nesse sentido, os “*Citation Index*” foram criados com o objetivo de difundir o conhecimento adquirido de forma rápida e eficaz.

4.3. O Que Podem Indicar as Citações na Pesquisa Científica?

A principal função das citações é fornecer ao leitor referências importantes sobre o campo de estudo em questão e a contribuição de autores predecessores para o trabalho atual. É, portanto, uma evidência de que o autor do artigo referenciado fez uma contribuição relevante para determinar a fronteira de estudos daquele assunto e que aqueles que quiserem ultrapassar essa fronteira devem citá-lo. As citações simbolizam assim a origem ou fundamento dos conceitos e idéias que o autor discute em seu texto. Essas associações conceituais foram descritas por Merton (1983) como um reconhecimento formal de “débito intelectual” com os autores que trataram do tema anteriormente.

De acordo com Vergara e Carvalho Jr (1995), as referências bibliográficas utilizadas por um autor são, além de suporte de argumentação, representação de suas “preocupações, preferências, suposições e metodologias” (p. 170), e evidenciam o quanto aquele autor atribui de importância à determinada produção científica de um determinado país, região, instituição etc.

Kostoff (1998) afirma que quanto menor um trabalho científico, maior a chance de ser lido em sua totalidade, uma vez que muitos dos cientistas não podem se dar o luxo de passar grande quantidade de tempo procurando extrair algo de útil um único trabalho. Nesse contexto, as citações funcionam como uma *referência condensada* a uma base

de informações muito maior, e aqueles que tiverem interesse em acessá-la podem fazê-lo voltando aos originais em que o autor se baseou.

Um outro papel exercido pela análise das citações é o de *ligação entre as diversas influências intelectuais* que impactam um pesquisador ou uma área específica do conhecimento: analisando o percurso dessas ligações, é possível verificar qual é a linha de pensamento seguida, ou qual é o paradigma utilizado pelos autores na construção de seu raciocínio apenas pela observação dos trabalhos, autores e veículos mais citados na pesquisa.

Além desses fatores, é importante considerar também um problema encontrado por todo pesquisador, bastante questionado ultimamente: como medir o *impacto* e os benefícios gerados por determinada pesquisa científica. A análise das citações permite, nesse caso, que se verifique o fluxo documentado e a evolução de uma determinada pesquisa ao longo do tempo e pode servir, portanto, como fonte para se avaliar ou medir o impacto – direto e indireto – de uma pesquisa em particular, de um grupo ou instituição de pesquisadores, ou ainda de veículos de divulgação científica, em seu campo científico (FUJIGAKI, 1998).

4.4. Utilizando Análise Bibliométrica na Análise de Produção Científica

No mundo são diversos os exemplos de estudos de citações nas mais diversas áreas, como por exemplo na Física, na Química, na Botânica, na Economia e menos freqüentemente na área de Administração (STREHL e SANTOS, 2002; BIGNETTI e PAIVA, 2002).

A utilização dos Índices de Citações tornou-se uma prática comum, principalmente nos EUA, servindo como fonte para remuneração dos pesquisadores de diversas áreas. Os recursos cada vez mais escassos do governo para o financiamento de pesquisas têm sido alocados de acordo com medidas de impacto das pesquisas de determinada instituição ou grupo de pesquisadores. Periódicos totalmente voltados para a publicação do impacto de outros periódicos ou de pesquisas ganham cada vez mais popularidade, como é o caso do *Journal of the American Society for Information Science*.

5. HIPÓTESES PRELIMINARES

Uma vez que a pesquisa aqui proposta tem uma proposta descritiva e não hipotético-dedutiva, sua proposta é mais exploratória do que o teste de hipóteses *a priori*. No entanto, com base nos estudos anteriores da pesquisa científica no Brasil, bem como

no que se permite induzir a partir da revisão teórica acima, é possível estabelecer uma série de **conjecturas de partida**.

Por exemplo, quanto ao **tipo** (livros, periódicos acadêmicos, jornais e revistas não acadêmicas etc.) **de publicação** usada como fundamentação pelos autores, revisões e estudos anteriores (ex.: Bertero et al., 1999) têm apontado a tendência administrativista (ou “gerencialista”) da fundamentação teórica do campo. Com base nisso, estabelecemos a Conjectura 1:

C1: Espera-se que **a incidência de referência administrativista, gerencialista e não científica seja alta** na produção da área no período.

Já no que tange à **origem** (nacional x estrangeira) **das publicações citadas**, as revisões e estudos anteriores de Vergara (1995, 1996, 1998) já sugeriram que a produção de área semelhante (Organizações) tem predominância de referências *estrangeiras*. Assumindo que esse tipo de comportamento seja análogo na produção de Recursos Humanos, estabelecemos a Conjectura 2:

C2: Espera-se que **haja predominância de citações estrangeiras** na produção da área no período.

Em termos dos **autores** (nacionais e estrangeiros) e **instituições mais citados**, há pouco que a teoria ou que revisões e estudos anteriores possam indicar: Tonelli et al (2003) e Caldas et al.(2002) apenas indicaram quais os autores e instituições que maior produção tiveram no período, e sugeriram que na produção de RH havia grande concentração em poucos autores e programas de concentração. Assumindo que o mesmo deva ser verdade das citações nacionais, estabelece-se a Conjectura 3:

C3: Espera-se que **os autores e instituições nacionais mais citados venham de poucos programas e, provavelmente, dos mesmos que concentraram a maior parte dos autores da produção de R.H. no período.**

Ainda quanto aos **autores** (nacionais) **mais citados**, diversos autores (ex.: GARFIELD, 1979; CHANDY e WILLIAMS, 1994) indicam que, freqüentemente, os autores mais citados sejam também os que há mais tempo estão no campo. Com base nisso, deduzimos a Conjectura 4:

C4: Espera-se que **os autores nacionais mais citados sejam também os que têm maior exposição histórica no campo.**

No que tange aos **veículos** de divulgação científica (periódicos) **mais referenciados** no campo, há pouco nos estudos anteriores ou na teoria revista que possa indicar prováveis resultados no estudo. No entanto, pelo comportamento conhecido dos principais veículos da área, tipicamente organizados em torno da instituição que os patrocina, pode-se propor a Conjectura 5:

C5: Espera-se que as citações de **veículos** de divulgação científica (periódicos) variem conforme a autoria dos artigos onde eles são **referenciados**; ou seja, espera-se que **a maior parte das citações aos veículos nacionais provenha de autores das instituições que patrocinam esses veículos.**

Quanto à **incidência de auto-citação e endogenia**, isto é, quanto que os autores citam a si próprios e a suas próprias instituições, a literatura sobre bibliometria sugere que é comum que pesquisadores citem a si próprios, em busca de *engrandecimento pessoal* ou como satisfação do ego (Garfield, 1979). Isso nos levou a propor a Conjectura 6:

C6: Espera-se que **a incidência de auto-citações seja alta.**

E por fim, ainda em termos de **incidência de auto-citação e endogenia**, a literatura sobre bibliometria sugere que é comum que pesquisadores citem primordialmente outros de seu relacionamento, formando os chamados “citation clubs” (Kosoff, 1998, p. 30): para isso criamos a Conjectura 7:

C7: Espera-se que a **incidência de citações à própria instituição seja alta**, isto é, que **a maioria das citações dos autores no período seja a autores de sua própria instituição.**

6. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO E FONTES

A bibliometria é um método em crescimento dentre as metodologias de pesquisa. Sua principal vantagem é o fato de ser a única metodologia de pesquisa que foca exclusivamente na métrica de um campo de conhecimento representada pelas

evidências documentadas, ou seja, é o único método voltado para medição das inter-relações documentadas de uma determinada área da ciência. Essas inter-relações podem ser obtidas por meio da contagem de palavras-chave em comum, palavras mais utilizadas, entre outros como já observado anteriormente. No presente artigo utilizamos a análise das citações para observar as inter-relações de conhecimento na área de Recursos Humanos com base nos artigos publicados nos ENANPADS entre 1991 e 2000. O período foi escolhido por se tratar dos últimos dez anos de publicação da área de RH antes da separação da área de comportamento no ENANPAD que, como evidenciaram Tonelli et al. (2003) representava 50% dos temas tratados na área e, portanto, sem dúvida uma contribuição bastante grande à base de autores referenciados.

Do ponto de vista empírico, o estudo aqui proposto pretende, portanto, levantar e analisar a constituição, origem e padrão de inter-relação de todas as citações (estimadas em cerca de 6.000), constantes nos 290 artigos publicados nos anais do ENANPAD na década de 90 (1991 a 2000) na área de Recursos Humanos. A partir daí, pretende-se levantar os autores e instituições de origem de cada uma das citações, e contrastá-las com os autores e instituições dos artigos que as citaram. Nesta seção, indicamos a metodologia e os principais parâmetros que pretendemos utilizar no estudo.

6.1. Plano de Pesquisa e Variáveis

O **primeiro passo** no plano de pesquisa será a criação de duas bases de dados (secundários) relacionadas: uma de artigos e outra de citações. No primeiro banco de dados, para cada um dos 290 artigos publicados na área entre 1991 e 2000, serão levantados e tabulados os seguintes dados e variáveis: autores do artigo, instituições declaradas de autoria e cada uma das citações feitas, abrindo um segundo banco de dados ao primeiro relacionado. Nesse segundo banco de dados (das citações feitas em cada artigo) irá levantar, para cada citação feita em cada um dos artigos, as seguintes variáveis: nomes dos autores citados, tipo de obra (livro, artigo ou outros) citada e veículo (no caso de periódicos e congressos) citado.

A **segunda etapa** do plano de pesquisa é o complemento das bases de dados com dados primários, não disponíveis nos artigos publicados no período. Para o primeiro banco de dados (artigos publicados), as variáveis necessárias nessa complementação incluem:

- “Citabilidade” dos autores dos artigos. Esta variável divide cada autor de texto publicado em duas categorias: “autores com produção acadêmica anterior ao ano de publicação” e “sem produção acadêmica anterior”. O objetivo da criação dessa variável é ser usada como elemento de controle na medição de

auto-citação na amostra (aqueles que não possuíam obra anterior quando seu artigo foi publicado não poderiam ter feito auto-citações mesmo que fossem inclinados a fazê-lo). Para levantar essa variável, iremos utilizar em primeiro lugar a própria base do ENANPAD, ou seja, levantaremos primeiro os autores que tenham publicado em anos anteriores no próprio Encontro, classificando-os como “com produção acadêmica anterior”. Os restantes serão buscados, um a um, via currículo Lattes e, na ausência deste, via bibliotecas, livrarias e na Internet, para verificar se há produção anterior divulgada.

Ainda nesta segunda etapa do plano de pesquisa, serão buscados dados primários para as seguintes variáveis complementares da segunda base de dados (autores e obras citadas):

- origem dos autores da citação (nacional x estrangeira). Para atribuição dessa variável, contaremos basicamente com os dados do Lattes e, na ausência dessa informação, com consulta direta aos dados da obra referida em biblioteca ou sua complementação em Internet etc.
- Instituições de origem dos autores *nacionais* citados – o levantamento dessa variável será feito da mesma forma como se pretende levantar a produção anterior: busca na própria base, currículo Lattes, biblioteca, livraria, Internet etc. Para análise da instituição de origem da citação também serão adotados dois procedimentos, de acordo com os dois critérios alternativos que serão testados neste estudo: no primeiro será feita uma ponderação da base de instituições citadas: assim, para uma obra com dois autores a instituição de origem de cada um irá receber o equivalente a ½ citação (CHANDY & WILLIAMS, 1994); no segundo critério, será atribuída uma “instituição principal” à obra citada pela preponderância de autores de determinada instituição. Ou seja, se uma obra citada apresenta dois autores da instituição UX e um da instituição UY, a instituição preponderante nesse segundo critério será a UX. Finalmente, ainda nesse segundo critério, quando a obra for de dois autores de duas instituições diferentes, será adotada a instituição do primeiro autor como preponderante.
- Contagem de citações e auto-citações – primeiro, serão contadas quantas vezes cada obra e autor são citados na amostra; em seguida, será contado e deduzido o número de vezes que tais citações derivaram do próprio autor. Isto é necessário uma vez que a metodologia para contagem de citações, aceita e praticada internacionalmente (GARFIELD, 1979) indica que as citações a determinado autor a serem consideradas para efeitos de classificação ou ordenamento (“ranqueamento”) são apenas aquelas não feitas por ele próprio, uma vez que é o próprio autor que controla essa variável. Um aspecto chave

nesta variável será o critério a ser usado para obras com múltipla autoria. Como não há critério uniforme na literatura, iremos aqui contar os autores citados usando dois critérios alternativos. No primeiro critério será feita uma ponderação da base de autores citados: assim, para uma obra com dois autores cada um irá receber o equivalente a $\frac{1}{2}$ citação (CHANDY & WILLIAMS, 1994). No segundo critério, será feita uma contagem simples, ou seja, independente do número de autores da obra citada: isto é, para a mesma obra com dois autores será atribuída uma citação ao primeiro e outra ao segundo (segundo o padrão do *Citation Index* – ver GARFIELD, 1979).

- Contagem de citações à própria instituição – da mesma forma que para auto-citações, será verificada e tabulada a ocorrência de citação à própria instituição, ou seja, se a obra citada tinha algum autor com a mesma instituição de origem do autor do artigo. Esse índice será fundamental pra compreender as relações entre os autores da mesma instituição.

A **terceira etapa** do plano de pesquisa é o cruzamento e análise dos dados, procurando atender a cada um dos objetivos específicos do estudo e verificar a confirmação de todas as conjecturas de pesquisa propostas.

Por fim, a quarta e última etapa do plano da pesquisa inclui a conclusão, a preparação de recomendações à área e a preparação do relatório final.

7. CRONOGRAMA MENSAL DE TRABALHO

- | | |
|----------------------|---|
| • Até
Julho/2003 | • Planejamento detalhado do levantamento de dados |
| | • Levantamento bibliográfico e metodológico mais detalhado |
| • Agosto/
2003 | • Preparação do banco de dados |
| | • Início do input dos dados nos dois bancos de dados |
| • Setembro/
2003 | • Finalização do input dos dados nos dois bancos de dados |
| | • Início do levantamento de dados primários para complementação dos dois bancos de dados |
| • Outubro/
2003 | • Finalização do levantamento de dados primários para complementação dos dois bancos de dados |
| | • Início da análise do material tabulado |
| • Dezembro /
2003 | • Finalização da análise do material tabulado |
| | • Redação e entrega do relatório de pesquisa |

8. BIBLIOGRAFIA PRELIMINAR

- ARKADER, R. A pesquisa científica em gerência de operações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 70-79, 2003.
- AZZONI, Carlos R. "Clássicos" da literatura econômica brasileira: trabalhos e autores mais citados nas nossas revistas acadêmicas. *Economia Aplicada*, v. 2, n. 4, p. 771-780, 1998.
- AZZONI, C. R. Desempenho das revistas e dos departamentos de economia brasileiros segundo publicações e citações recebidas no Brasil. *Economia Aplicada*, 4(4):786, 2000.
- BERTERO, Carlos O.; KEINERT, Tânia M.M. A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-93). *Revista de Administração de Empresas*, v. 34, n. 3, p. 81-90, 1994.
- BIGNETTI, L. P. e PAIVA, E.L. Estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. In: ENANPAD, 21º, 1997, Produção Industrial e Serviços.
- BIGNETTI, L; PAIVA, E. Ora (direis) ouvir estrelas! Estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. *Revista de administração contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2002.
- BOTELHO, Delane, MACERA, Andrea. Análise metateórica de teses e dissertações da área de marketing apresentadas na FGV-EAESP (1974-1999). In: ENANPAD, 25º, 2001, Campinas. Anais... Campinas: Anpad, 2001. Marketing.
- CALDAS, M.; TONELLI, M.; LACOMBE, B. Espelho, espelho meu: Meta-estudo da Produção científica em Recursos Humanos nos ENANPADs da década de 90. In: ENANPAD, 26º, 2002, Salvador. Anais... Salvador: Anpad, 2002
- CHANDY, P. R. ; WILLIAMS, T.G. The impact of Journals and authors on International Business Research : A citation analysis of JIBS articles. *Journal of International Business Studies*.v. 25 n.4, p. 715-728. 1994.
- COLE, J.R. E COLE, S. *Social Stratification in Science*. Chicago: U of Chicago Press, 1973.
- FISCHER, T. A formação do administrador brasileiro na década de 90: crise, oportunidade e inovações nas propostas de ensino. *RAP*. v. 27, n. 4, p. 11-20. out/dez 1993
- FUJIGAKI, Y. The Citation System, *Scientometrics* 43, 77-85. 1988.
- GARFIELD, E., "Citation Indexes for Science," *Science*, 122, 108. 1955.
- GARFIELD, E. *Citation Indexing: Its theory and application ins Science, Technology and Humanities*. New York. Willey, 1979.
- HOPPEN, N., AUDY, J.L.N., ZANELA, A.I.C., CANDOTTI, C.T., SANTOS, A M., SCHEID, R. PERIN, M.G., MECCA, M.S. e PETRINI, M. Sistemas de Informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. In: ENANPAD, 22º, 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1998. Administração da Informação.
- KEINERT, Tânia M. O que é administração pública no Brasil? In: ENANPAD, 24o, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000. Marketing.
- KOSTOFF, Ronald N. The Use and Misuse of Citation Analysis in Research Evaluation, *Scientometrics* 43, 27-43. 1998.
- LEAL, R.; OLIVEIRA, J.; SOLURI, A. Perfil da Pesquisa em Finanças no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 91-104, 2003.
- LEYDESDORFF, Loet. Theories of Citation? *Scientometrics* v.43, p. 5-25. 1998

- MACHADO DA SILVA, Clóvis L., CUNHA, Vera C., AMBONI, Nério. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENANPAD, 14º, 1990, Florianópolis.
- MACROBERTS, M.H. e MACROBERTS, B.R. Problems of citation analysis. *Scientometrics*. v.36. p.435-444. 1996.
- MARTYN, J. "An Examination of Citation Indexes," *Aslib Proceedings*, 17(6), 184. 1965.
- MERTON, R. K. Foreword. (Garfield E)Citation indexing--its theory and application in science, technology, and the humanities. Philadelphia: ISI Press, p. vi (1983).
- PERIN, Marcelo G., SAMPAIO, Cláudio H., FROEMMING, Lurdes M. S., LUCE, Fernando B. A pesquisa survey em artigos de marketing nos Enanpads da década de 90. In: ENANPAD, 24o, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000.
- QUINTELLA, R. Encontro nacional da Anpad x Meeting of AOM: Lições, questionamentos e especulações. *Revista de Administração de Empresas*. V. 43, n.3, p. 107-115. 2003.
- TONELLI, M.; CALDAS, M.; LACOMBE, B; TINOCO, T. Produção Acadêmica em Recursos Humanos no Brasil: 1991-2000. *RAE*, v. 43, n. 1, p. 105-122, 2003.
- VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da Informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.
- VERGARA, Sylvia C., CARVALHO JR., Dourival de S. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: *ENANPAD*, 19º, 1995, João Pessoa. Anais... Rio de Janeiro : Anpad, 1995. Vol. 6. Organizações. p. 169-88.
- VERGARA, Sylvia Constant. & CARVALHO JR., Dourival de Souza. Refletindo sobre as possíveis conseqüências da análise organizacional apoiada em referências estrangeiras. *RAP*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. v. 30, n.6, 1996
- VERGARA, S., PINTO, M. C. S. "Nacionalidade das referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira." In: *ENANPAD*, 1º, 2000, Curitiba. Anais...Curitiba, 2000.
- VIEIRA, F. G. Narciso sem espelho: A publicação brasileira de marketing. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 81-90, 2003.
- VIEIRA, Francisco G. D. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: *ENANPAD*, 23º, 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1999. Marketing.
- VIEIRA, Francisco G. D. Panorama acadêmico-científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil. In: *ENANPAD*, 24º, 2000, Florianópolis. Anais... RJ : Anpad, 2000. Marketing.
- WORMELL, I. Informetria: explorando bases de dados como instrumentos de análise. *Ciência da Informação*, Brasília, v.27, n. 2, p. 210-216, maio/ago. 1998.

9. ORÇAMENTO (R\$ / US\$)

- | | |
|--|-------------------|
| • 2 auxiliares de pesquisa (6 meses) | (dados do NPP) |
| • Material de consumo (xerox, papel, tinta para impressora etc.) | R\$ 300,00 |
| • total | R\$ 300,00 |

9.A. Plano de trabalho / cronograma do auxiliar de pesquisa

- *Julho/03* • Apoio no planejamento e desenvolvimento do banco de dados
 - Apoio no levantamento bibliográfico
 - *Agosto/03* • Apoio na tabulação dos dados disponíveis
 - *Setembro/03* • Apoio no levantamento dos dados primários para complementação dos dois bancos de dados
 - *Outubro/2003* • Finalização do levantamento de dados primários
 - Apoio na análise do material tabulado
 - *Dezembro/2003* • Apoio na finalização da análise do material tabulado
 - Apoio na redação e entrega do relatório de pesquisa
-

NPP MINI-CURRÍCULO DO PESQUISADOR

Nome: **Miguel Pinto Caldas**

Departamento: Administração Geral e Recursos Humanos

Cargo: Professor Adjunto

Graduação: Universidade de Brasília (UnB) - Administração de Empresas,
1986

Mestrado: EAESP/FGV - ORH (ADM) - 1992

Doutorado: EAESP/FGV - ORH (ADM) - 1998

Área de Interesse: Mudança Organizacional
Design organizacional
Ensino e pesquisa em administração de empresas

Data: 31 de janeiro de 2005

Assinatura: _____
